

BOSQUEJO DA HISTÓRIA DA POESIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Almeida Garrett

ADVERTÊNCIA

Fui sempre muito pouco amigo de dar satisfações. Porém esta minha repugnância não é filha de presunção, nem de orgulho. De todo o meu coração o digo, e todos os que me conhecem, o sabem. Nascem da persuasão, em que estou, de que a justificação de uma coisa está na maneira por que essa coisa se faz. E aplicando esta generalidade às composições literárias, cada vez me convenço mais que os prólogos, prefácios, avisos a leitores, etc. nada fazem, nem fizeram, nem farão nunca ao conceito que da obra se forma.

E princípio foi este, porque na fachada do meu poema não pus tal cerimônia. Revendo-o, porém agora, examinando este ensaio, e conhecendo-lhe infintos defeitos, que me tinham escapado; sendo-me impossível emendá-los; resolvo-me a dar satisfação; não para pretender justificá-los, e salvar-me da crítica com sutilezas, e argúcias¹; mas para fazer confissão pública deles.

Se me é lícito, porém dizer duas palavras em meu abono, direi que tanto o poema, como as notas, e ensaio são da minha infância poética; são compostos na idade de dezessete anos. Isto não é impostura: sobejas² pessoas há, que me viram começar, e acabar então. É certo que desde esse tempo até agora, em que conto quase vinte e dois, por três vezes o tenho corrigido; e até submetido a censura de pessoas doudas³, e de conhecida filologia⁴, como foi o Excelentíssimo Senhor S. Luiz, que me honrou a mim e a este opúsculo⁵ com suas correções. Mas todos estes cuidados não puderam (enquanto a mim) tirar-lhe o vício do nascimento.

Eis aqui a minha confissão geral. Os que me absolverem ficar-lhes-ei muito obrigado; os que não quiserem, paciência; não me mato por isso. Comecei esta obrinha por desenfado⁶: acabei-a por

divertimento: publico-a por amor das artes: se me criticarem, ri-me, e não fico mal com ninguém.

A QUEM LER

A Minha primeira ideia quando intentei esta coleção, foi dar ao público um extrato das melhores poesias de nossos clássicos. Refleti depois que não seria ela completa, porque alguns gêneros a que não trataram aqueles ilustres escritores: e em tão rica literatura como é a portuguesa, pena fora mostrar pouquidade e pobreza. Resolvi-me por esse motivo a sair dos limites clássicos. Mas ainda aparecia outra dificuldade: espécies há de poesia em que não escreveram senão autores vivos; aterrava-me a lembrança de haver de julgar e escolher obras que aguardam ainda o conceito da posteridade, quase sempre único tribunal reto das coisas dos homens, especialmente de matéria de gosto. Todavia o mesmo motivo de querer fazer esta escolha o mais completa que é possível, me determinou a arrostar⁷ essa outra escolha. Procurei nos escritores vivos cingir-me⁸ quanto racionalmente pude a mais geral opinião, escolhendo aqueles trechos que mais aprovados tem sido; observando pela minha parte a mais rigorosa imparcialidade que humanamente se pode. E sendo, como sou, alheio a toda disputa e rivalidade literária e poética, se alguma hora no decurso desta obra julgarem deslizei dessa proposta impassibilidade, peço que o atribuam a erro de meu juízo, não a propósito deliberado.¹

Queria eu também ao princípio conservar a cada escritor sua particular ortografia; mas a isso obstaram dois insuperáveis obstáculos. Primeiro – não haver, sobretudo nos clássicos, uma base boa ou má em que cada um deles fundasse a sua ortografia para se poderem regularizar as incalculáveis anomalias que se encontram em uma mesma obra, na mesma página às vezes. Segundo – que havendo sido muitas das obras de nossos poetas antigos e modernos publicadas póstumas, é impossível acertar com o verdadeiro sistema ortográfico deles. Esta

¹ Muito tempo hesitei se daria lugar nesta coleção a um poeta (hoje morto) em quem de certo houve algum engenho, mas que ignorou e desprezou a tal ponto a língua, tão cinicamente violou o decoro do estilo, as mais indispensáveis regras do gosto e da boa

impossibilidade aumentou ainda e se estendeu aqueles que apesar de publicarem suas obras em vida, caíram em mãos de novos editores todos ignorantes ou descuidados (nenhum conheço, a quem fique mal o epíteto⁹) que em vez de as melhorarem, estragaram e confundiram tudo. Ora de alguns desses não foi possível, por mais diligências que se fizeram, descobrir as primeiras edições, as quais, segundo observei, ainda assim, não serviriam de muito.

Acresciam a estes dois motivos a feia aparência que teria a obra que mais houvera ficado recosida manta de retalhos furta-cores, do que uma coleção de poetas da mesma língua.

Determinei, pois imprimir tudo com regular e geral ortografia; cujos princípios extrai do uso dos melhores clássicos, uso que nem sempre seguiram, mas que manifestamente se vê quiseram seguir; e são estes:

I. Conservar fielmente a etimologia quando se lhe não opõe a pronúncia.

II. Combiná-la com a pronúncia quando esta se opõe a inteira conservação daquela.

III. Nas palavras de raiz incógnita seguir o uso geral.

IV. Nas diversas modificações dos verbos conservar sempre a figurativa quando a pronúncia não obsta.

V. Não por acentos (agudo e circunflexo que são os únicos portugueses) senão onde a palavra sem eles se confundiria com outra. (Também me servi do agudo para marcar a diérese¹⁰ por não estar ainda adotado entre nós o sinal (..) que é bem necessário).

Julgo haver prestado algum serviço à literatura nacional em oferecer aos estudiosos de sua língua e poesia um rápido bosquejo¹¹ da história de ambas. Quem sabe que tive de encetar¹² matéria nova, que português nenhum dela escreveu, e os dois estrangeiros Bouterweek¹³ e Sismondi¹⁴ incorretissimamente e de tal modo que mais confundem do que ajudam a conceber e ajuizar da história literária de Portugal; avaliará decerto o grande e quase indizível trabalho que me custou esse ensaio. Não quero dá-lo por cabal¹⁵ e perfeito; mas é o primeiro, não podia sê-lo. Além de que, a maior

parte das ideias vão apenas tocadas, porque não havia espaço em obra de tais limites para lhe dar o necessário desenvolvimento.

BOSQUEJO

DA

HISTÓRIA DA POESIA E LÍNGUA PORTUGUESA

I

Origem de nossa língua e poesia

A Língua e a poesia portuguesa (bem como as outras todas) nasceram gêmeas, e se criaram ao mesmo tempo. Erro é comum, e geral mesmo entre nacionais, pela maior parte pouco versados em nossas coisas, o pensar que a língua portuguesa é um dialeto da castelhana, ou espanhola segundo hoje inexatamente se diz.

Das variadas combinações das primitivas linguagens das Espanhas com o Grego, o Latim, com os bárbaros idiomas dos invasores do norte, e ao fim com o Árabe¹⁶, nasceram em diversas partes da Península diversíssimas línguas que nem dialetos se podem chamar geralmente, porque, além de não haver uma comum, de muitos deles é tão distinta a índole e tão oposta que se lhes não colhe semelhança.

Ninguém ignora hoje que o Provençal foi a primeira que entre as línguas modernas se cultivou, mas que por sua breve dura não chegou nunca à perfeição. Das nações da Espanha, as mais vizinhas aquele crepúsculo de civilização primeiro melhoraram sua linguagem: mas também lhes coube igual sorte; nunca de todo se poliram. O Castelhana e o Português, que mais tarde se cultivaram, permaneceram pelo sabido motivo da conservação da independência nacional, e vieram a completo estado de perfeição e caráter cabal de línguas cultas e civilizadas. O Biscainho¹⁷, Catalão, Galego, Aragonês¹⁸, Castelhana, Português e outras mais foram e são ainda alguns distintos idiomas: porém só os dois últimos tiveram literatura própria e perfeita, linguagem comum e

científica, tudo enfim quanto constitui e caracteriza (se é lícita a expressão) a *independência* de uma língua.

Grande semelhança há entre o Português e Castelhana; nem podia ser menos quando suas capitais origens são as mesmas e

comuns: porém tão parecidas como são pelas raízes de derivação; no modo, no sistema dessas mesmas derivações, na combinação e amálgama¹⁹ de idênticas substâncias e princípios se vê todavia que diversos agentes entraram, e que muito variado foi o resultado que a cada uma proveio. Filhas dos mesmos pais, diversamente educadas, distintas feições, vário gênio, porte e ademão tiveram: há contudo nas feições de ambas aquele *ar de família* que a prima vista se colhe.

Este ar de família enganou os estrangeiros, que sem mais profundar, decidiram logo, que o Português não era língua própria. Esse achaque²⁰ de decidir afoitamente de tudo é velho, sobretudo entre franceses, que são o povo do mundo entre o qual (por filúcia²¹ de certo) menos conhecimento há das alheias coisas.

Sem dúvida é que a língua portuguesa começou com seus trovadores, únicos no meio do estrepido das armas que algum tal qual cultivo lhe podiam dar; e provável é que assim fosse com pouco melhoramento até os tempos de el-rei D. Diniz²², que no remanso da paz de seu reinado protegeu e animou as letras, que ele próprio cultivou também.

II

Primeira época literária; fins do XIII até os princípios do XVI sec.

D. João I o eleito do povo, e o mais nacional de todos os nossos reis, deu ao idioma pátrio valente impulso, mandando usar dele em todos os atos e instrumentos públicos, que até então se faziam em Latim. Foi esta lei carta de alforria e de cidade para a língua que até ali vivera escrava da dominação latina, a qual sobrevivera não só ao império romano, mas a tantas conquistas e reconquistas de tão desvairados povos.

Aqui se deve por a data da verdadeira aurora das letras em Portugal, que por singular fenômeno pouco visto entre outros povos, raiou ao mesmo tempo com a das ciências; por maneira que quando o romântico alaúde²³ de nossas musas começava a dar mais afinados sons, e a subir mais alto que o até ali conhecido, as ciências e as artes cresciam a ponto de espantar a Europa, mudar a face do mundo, e alterar o sistema do universo.

Desde então até a morte de el-rei D. Manuel²⁴, tudo foi crescer em Portugal; artes, ciências, comércio, riqueza, virtudes, espírito nacional.

Muitas foram as produções de nossa literatura naquele século de glória em que Gil Vicente²⁵ abriu os fundamentos ao teatro das línguas vivas, Bernardim Ribeiro²⁶ poliu e adereçou com alguns mimos da antiguidade o gênero inculto dos romances² e seguiu (quase o segundo) o caminho encetado pelo nosso Vasco de Lobeira²⁷ nas composições romanescas; e ao cabo mostrou aos rústicos pastores do Tejo alguns dos suaves modos da flauta de Sicília²⁸ que nenhuma língua viva até então ouvira soar.

A natural suavidade do idioma português, a melancolia saudosa de seus números nos levaram à cultura deste gênero pastoril, em que raro poeta nosso deixou de escrever, quase todos bem, porque a língua os ajudava; nenhum perfeitamente; porque (ainda mal) deram as cegas em imitar Sannazaro²⁹, depois Boscan³⁰ e Garcilasso³¹, e copiaram pouco do *vivo* da natureza, que tão bela, tão rica, tão variada se lhes apresentava por todas as quatro partes de que em breve constou o mundo português, e das quais todas ou assunto ou lugar de cena tiraram nossos bucólicos. Nem deste geral defeito³ (o Máximo que por ventura se lhes nota) pode fazer-se exceção; senão for alguma rara em favor de Camões³² e de Rodrigues Lobo³³. O Tejo³⁴, o Mondego³⁵, os montes, os sítios conhecidos de nosso país e dos que nos deu a conquista, figuram em seus poemas; porém raro se vê descrição que recorde alguns desses sítios que já vimos, que nos lembre os costumes, as usanças, os preconceitos mesmo

² Não no sentido de *novelas*, mas no que então se lhe dava.

³ Comum também nos outros gêneros de poesia, onde quer que entre o descritivo.

populares; que daí vem à poesia o aspecto e feições nacionais, que são sua maior beleza.

Bernardim Ribeiro foi um tanto mais original em sua simplicidade, o que lhe falta de sublime e culto sobeja-lhe em brandura, e numa ingênua ternura que faz suspirar de saudade, daquela saudade cujo poeta foi, cujos suaves tormentos tão longo padeceu, e tão bem pintou.

Foi seu contemporâneo Gil Vicente fundador do teatro moderno, de cujas obras imitaram os castelhanos; e delas se espalhou pela Europa o mau e o bom dessa irregular e caprichosa cena, que ainda assim suas belezas têm.

O próprio Gil Vicente não deixa de ter seu cômico sal, e entre muita extravagância muita coisa boa. Bouterweeck e Sismondi parece que escolheram o pior para citar; muito melhores coisas tem, particularmente nos autos, superiores sem comparação às comédias³⁶. A soltura da frase, e a falta de gosto são os defeitos do século; o engenho que daí transparece é do homem grande e de todas épocas⁴.

III

Segunda época literária; idade de ouro da poesia e da língua desde os princípios do XVI até os do XVII sec.

Com a morte de el-rei D. Manoel³⁷ declinou visivelmente a fortuna portuguesa: certo é que as artes progrediram, que a língua se aperfeiçoou; porém esse movimento era continuado ainda do impulso anterior e já não prometia longa dura assim sucedeu. D. João

⁴ Reservo-me para uma edição que pretendo publicar do nosso Plauto, fruto de longo e penoso trabalho, para examinar melhor este ponto, e demonstrar o que aqui enuncio.

III³⁸ colheu os frutos do que D. Manoel havia semeado; mas de lavras suas, nem ele nem seus sucessores viram colheita.

Uma coisa todavia que muita influência teve sobre a língua e literatura portuguesas e que a instituições de D. João III se deve, foi o cultivo das línguas clássicas, que na reformação da Universidade de Coimbra³⁹ aumentou muito. Os modelos gregos e romanos foram então versados de todas as mãos, estudados, traduzidos, imitados. Aperfeiçoou-se a língua, enriqueceu-se, adquiriu aquela solenidade clássica que a distingue de todas as outras vivas, seus períodos se arredondaram ao modo latino, suas vozes tomaram muito da eufonia⁴⁰ grega; de um e de outro desses idiomas lhe vieram as muitas, e principalmente da grega, os muitos hipérbatos⁴¹; com o que vai rica, livre e majestosa por todas as províncias da literatura, que tem decorrido, não havendo aí gênero de composição, para o qual, ou por doce demais como o Toscano⁴², não seja própria, - ou por muito áspera e guindada como o Castelhana⁴³, não se adapte, - por curta como o Francês, não se chegue, - por inflexível e ríspida como o Alemão e Inglês, se não amolde⁴⁴.

Claro é que a história, a oratória⁴⁵, todas as artes do discurso deviam de florescer com tal aumento. Com elas todas medrou⁴⁶ e cresceu a poesia na delicadeza, na harmonia, no gosto; porém desmereceu muito, demasiado na originalidade, no caráter próprio, que perdeu quase todo, na *nacionalidade*, que por muito pouco se lhe ia. Todos os deuses gregos tomaram posse do maravilhoso poético, todas as imagens, todas as ideias; todas as alusões⁴⁷ do tempo de Augusto ocuparam as mais partes da poesia; e muito pouco ficou para o que era nacional, para o que já tínhamos, para o que podíamos adquirir ainda, para o que naturalmente devia nascer de nossos usos, de nossas recordações, de nossa arqueologia, do aspecto de nosso país, de nossas crenças populares, e enfim de nossa religião.

Sá de Miranda⁴⁸, verdadeiro pai da nossa poesia, um dos maiores homens de seu século, foi o poeta da razão e da virtude, filosofou com as musas, e poetizou com a filosofia. Seu muito saber, sua experiência, seu trato afável, e até a nobreza de seu nascimento, deram-lhe indisputada superioridade a todos os escritores daquele tempo, dos quais era ouvido, consultado e imitado. Sá de Miranda exerceu sobre todos os poetas daquela época a mesma espécie de império que veio a

ter Boileau⁴⁹ em França, e mais modernamente Francisco Manoel entre nós. Introduziu na poesia os metros⁵⁰ italianos, e os modos, versos e combinações de rimas de Dante⁵¹ e Petrarca⁵²; e desde aí quase se abandonaram inteiramente (exceto nas voltas⁵³ e glosas⁵⁴) os nossos antigos versos de redondilha⁵⁵, e absolutamente os de arte maior e menor, que ainda assim muito próprios são para certos assuntos, segundo com feliz exemplo no-lo mostraram antigos e modernos poetas. Nem o mesmo Sá de Miranda igualou nunca em composições hendecassilabas⁵⁶ a pureza, a correção, a naturalidade e sublime simplicidade de suas redondilhas nas epistolas⁵⁷, que hoje são seu maior e quase único título de glória.

São de admirar suas comédias, e são notável monumento para a história das artes pela feliz imitação dos antigos, e pelo que excedem quanto até então se tinha escrito. Porém o teatro português criado pela musa negligente e travessa de Gil Vicente e João Prestes, carecia de reforma, mas não podia suportar uma revolução. As comédias de Sá de Miranda sem caráter nacional muito clássicas de mais não eram para reformá-lo: o mesmo direi, e o mesmo sucedeu às de Ferreira⁵⁸, a algumas poucas mais que depois vieram. O efeito destas composições, aliás preciosas, foi funesto⁵⁹: os literatos⁶⁰ enjoaram-se (e com razão) do teatro nacional, e não se deram a corrigi-lo e melhorá-lo: o público preferia (e com razão também) o com que fora criado, o que o interessava, o que o divertia, e antes queria rir com as grosserias dos autos⁶¹ populares que bocejar e adormecer-se com as finuras de arte e correções dessas comédias, que tudo tinham, menos interesse, onde todo espírito havia, menos o nacional.

Se houveram Sá de Miranda e Ferreira escolhido assuntos portugueses, se houveram pintado os costumes nacionais, e apresentado ao público, em vez de quadros italianos, um espelho em que ele visse a si e aos seus usos, e se risse de seus próprios defeitos; fico em que houveram reformado o teatro em vez de lhe empecer⁶²: e acaso gozaríamos ainda hoje em uma cena rica e abastada dos resultados desse impulso, quando não temos senão que chorar, e vivemos, sobre o teatro, das migalhas que mendigamos a estrangeiros pelo triste meio de traduções, que (as dramáticas sobretudo) nunca podem ser boas.

Sá de Miranda escreveu, além disto, algumas écloas⁶³ bastante frias, vários sonetos⁶⁴ geralmente de pouca monta⁶⁵. Um deles a morte de Leandro e Hero é excelente, mas castelhano, e por esse achaque não o inclui na escolha.⁵

Não posso deixar de querer mal a tão ilustre português pelo muito que escreveu nessa língua estranha; com que não só privou a natural do fruto de suas tarefas, mas fez maior dano ainda com o exemplo que abriu; exemplo funesto que nos cerceou a literatura, que nos defraudou de uma Diana de Monte-Maior⁶⁶, de tantas boas coisas mais, e ao cabo ia perdendo a língua.

Mas eis aí Antonio Ferreira para combater esse mal em sua origem: ei-lo aí esse português verdadeiro, ardente amator da língua, clamando a todos, pugnando⁶⁷ contra todos os que não prezavam e aditavam o pátrio idioma com as produções do engenho e das artes. O profundo conhecimento dos clássicos gregos e latinos, o finíssimo gosto que em seu estudo tinha adquirido, a felicidade com que sempre os imitou, a pureza da frase, as riquezas com que adornou⁶⁸ a língua deram aos versos de Ferreira grande popularidade entre os literatos e cortesãos (que, ao avesso de hoje, as letras viviam então quase só na corte) e fixaram determinadamente o gênero clássico entre nós.

Cegou-se todavia o nosso bom Ferreira na imitação dos antigos; copiou-os, não os imitou: e daí, enriquecendo a língua, empobreceu a literatura, porque a avezou⁶⁹ a esse hábito de copista; cancro⁷⁰ que rói o espírito criador; alma e vida da poesia nacional. Tão cega foi esta imitação, que seus mesmos versos, aos quais hoje ninguém defende da nota de ásperos e duros (e muitos direi – errados) os fazia assim de propósito por querer usar das elipses⁷¹ gregas e latinas, a que repugna a índole⁷² de nossa língua, só toleráveis em certas vozes que na prosa mesma se pronunciam e escrevem no final com *m* ou sem ele. Este desagradável defeito dos versos de Ferreira é principalmente sensível nas dicções que tem final

⁵ A. Rib. dos Santos traduziu este soneto em português e (coisa inexplicável em tal homem!) o deu por seu.

no que chamamos (mal ou bem) ditongos nasais de [ão], e muito mais quando nele é o acento predominante da palavra.

Os sonetos são frios, desengaçados; nas élogos há belezas muitas e muito grandes, mas espalhadas: nenhuma destas composições tomada por si pode merecer o nome de bela. Porém das odes⁷³, há delas que são puramente horacianas⁷⁴, e se lhes falece a elevação (que não era esse o gênio de Ferreira) sobeja-lhe⁷⁵ a graça, a elegância e a adornada filosofia, que não agradam menos, nem de menos valor e mérito são que os êxtases⁷⁶ pindáricos⁷⁷, ou os requiebro⁷⁸ anacreônticos⁷⁹. O que é sem dúvida é que nas línguas vivas Ferreira foi o primeiro imitador feliz de Horácio⁸⁰, e o primeiro dos modernos que pulsou a lira⁸¹ clássica. Das epístolas, há algumas que podem pleitear⁸² em concisão⁸³ e fino dizer com as boas do lírico⁸⁴ romano. Quanto à pureza da moral, ao nobre patriotismo, àquele generoso sentimento da honrada liberdade de nossos avós, àquele entusiasmo da virtude; esse respira, mostra-se e resplandece em todas as suas obras.

Mas a verdadeira Glória de Ferreira é a Castro⁸⁵, produção admirável por si mesma, pelo tempo em que a escreveu, por todos os lados por que se considere. Não é ainda líquido entre os filólogos⁸⁶ se era possível o ter visto Ferreira a Sophonisba de Trissimo, que muito poucos anos antes da Castro apareceu: mas é sem a mínima questão reconhecida a superioridade da tragédia portuguesa à italiana: pasma como sem ver um teatro, sem mais exemplares que os gregos e latinos, pudesse Ferreira tratar tão delicadamente um tal assunto em um gênero desconhecido da antiguidade. É notável a primeira cena da Castro, a cena de el-rei e dos cavaleiros no ato II., a do ato III. Em que o coro traz a Castro as novas de sua cruel sentença, onde aquela pergunta de Ighes: “É morto o meu senhor, o meu infante?” rasgo de sublime, porém de um sublime todo sensibilidade, ao qual nem o *qu’il mourût* de Corneille pode comparar-se; e finalmente os coros, que sem paixão são superiores a todos os exemplares da antiguidade, e não tem que invejar aos tão gabados da Athalia. Não dou a Castro por uma tragédia perfeita: ainda em relação ao seu tempo e aos conhecimentos da cena de então tem ela defeitos: não haver uma cena em que se encontrem Pedro e Ighes, não haver algum esforço do infante⁸⁷ para lhe valer, deixam a peça muito nua de ação e lhe entibiam⁸⁸ o interesse. A versificação⁸⁹

(que todavia é de preferir aos versos sesquipedais⁹⁰ e impados⁹¹ com que hoje está pervertida a cena portuguesa) peca geralmente por dura; mas essa mesma é por vezes bela; e para bons entendedores muito há que estudar; e oxalá⁹² que os nossos dramáticos lessem e relessem bem a Castro, e aprendessem ali, pelo menos, naturalidade e verdade de expressão, que tanto lhes falecem.

Não estava ainda neste auge a poesia portuguesa quando um homem pouco conhecido dos letrados, mas já celebre por suas aventuras e valor, foi para tão longe da ingrátissima pátria despica-se⁹³ de seu desamor com a mais nobre vingança; a de levantar-lhe um padrão, com que não entram as idades, e que conservará ainda o nome português quando já ele houver desaparecido da terra. Muita erudição⁹⁴ (pois sabia quanto se soube em seu tempo), engenho dos que vem ao mundo de séculos a séculos se reuniram em Camões. Esse homem levantou a cabeça lá das extremidades da Ásia, e viu tudo pequeno a roda de si, todos os poetas pigmeus, todos acanhados com, as línguas modernas ainda mal perfeitas, escravos da imitação clássica, incertos e entalados todos entre o cego respeito da antiguidade e as novas precisões que as novas ideias, que o novo estado do mundo requeria. Teve ânimo para conceber e força para executar um rasgado e necessário atrevimento de se abrir caminho novo, de criar enfim a poesia moderna, dar não só a Portugal, mas à Europa toda um grande exemplo, e constituir-se o Homero⁹⁵ das línguas vivas.

Não me dá espaço o acanhamento de meus limites para dizer de Camões o que era indispensável; antes a celebridade de seu nome me deixará parar aqui para dar lugar a tratar de menos conhecidos nomes. Só direi que a influência de Camões na nossa poesia, e em toda a literatura portuguesa foi tal que desde então até hoje ainda se não deixou de sentir, mesmo nas épocas em que mais desvairados⁹⁶ tem andado nossos poetas com as empolas do *gongorismo*⁹⁷, ou mais lunáticos com os esfusiotos⁹⁸ do *elmanismo*⁹⁹. Quase que não houve gênero de poesia que não tratasse: tem sonetos admiráveis; églogas (sobretudo as primeiras) excelentes; mas principalmente de todas as poesias menores são o mais sublime e perfeito as canções, gênero a que deu uma nobreza e elevação desconhecida mesmo em Petrarca: sirva de prova e

exemplo aquela que começa- “Junto d’um seco duro e estéril monte.” Dos Lusíadas¹⁰⁰, de suas belezas e defeitos, das controvérsias sobre umas e outros, está cheio o mundo literário.

Contemporâneo de Camões e ousado também como ele a encetar a carreira épica¹⁰¹ foi Jeronimo Cortereal¹⁰². O Cêrco de Diu¹⁰³, que é notável monumento literário, e que de certo se teve algum exemplar foi a *Itália* do Trissino, é uma fria narração, em que há belas ideias aquém além, muita riqueza de linguagem, pouca de poesia, e pelo geral maus versos. E contudo é talvez Cortereal o primeiro (em data) poeta descritivo; e criou ele acaso esse gênero de que tanto blasonam¹⁰⁴ hoje ingleses, alemães, e até franceses, e que todavia nós tínhamos séculos antes deles. Já no Cêrco de Diu há muitas boas descrições: mas no naufrágio de Sepulveda¹⁰⁵ há delas sublimes.

Entre muito devaneio¹⁰⁶ de imaginação e de mau gosto, entre aqueles insípidos requebros de Pan e de Protheu aparece todavia a morte de D. Leonor que é um trecho da mais bela poesia, da mais fina sensibilidade que se tem composto.

De todos esses poetas que então floresceram é na minha opinião o menos poeta esse Pero d’Andrade Caminha¹⁰⁷, a quem da amizade e celebridade de Ferreira e Bernardes¹⁰⁸ vem talvez o maior renome. Ainda assim tem algumas odes boas, simplicidade com elegância por partes de suas composições: epigramas¹⁰⁹, são alguns excelentes.

Sobreviveu a todos estes e à pátria, que não tardou em perecer, o suave cantor do Lima que levado por D. Sebastião¹¹⁰ para testemunhar seus autos feitos, de que devia fazer um poema, perdeu-se com seu rei, e jazeu cativo em África. Pondo de parte a questão das éclogas (na qual de certo não andou de boa fé Faria e Sousa¹¹¹) a qual, ainda que própria do lugar, é muito longa para os meus limites; Bernardes foi excelente poeta; e com quanto sua linguagem é pobre, e em geral pouco variadas suas composições; a suavidade de seu estilo, certa melancolia de expressão que lho requebra e embrandece¹¹² darão sempre a Bernardes um lugar muito distinto na poesia portuguesa.

Mas já a nação se perdera nos areais de África, já a glória portuguesa estava ofuscada; com ela foram (como sempre vão) as boas artes. Ainda brilham a espaços faíscas do grande luzeiro que se apagara; mas já não eram senão faíscas.

Ainda Luis Pereira¹¹³ deplora na *Elegíada*¹¹⁴ a ruína da pátria, mas esse canto fúnebre é quase o canto de cisne da poesia nacional, que parece querer fenecer¹¹⁵ com ele, e já nele moribunda se mostra. Há excelentes oitavas¹¹⁶ derramadas por esse poema, algumas descrições felizes, grandíssima riqueza de linguagem; mas pouco mais.

Já Fernão Alves do Oriente difuso, intrincado nos primeiros labirintos dos *conceitos* italianos mostra a visível decadência da poesia: já as musas que tão louças, e ingenuamente belas tinham folgado pelas várzeas do Tejo e do Mondego com Ferreira e Camões, aparecem afeitadas com arrebiques¹¹⁷ e cores falsas, como essas damas para quem se desbota a flor da idade e lhe querem ainda suprir o viço¹¹⁸ com emprestados ornamentos, gentilezas compradas, e postiças. E todavia há na Lusitânia transformada pedaços líricos excelentes, e alguns bucólicos sofríveis. Assim ele nos dissesse mais do seu Oriente do que nos disse: assim houvesse enriquecido a literatura com mais imagens de tantas que sua Ásia lhe oferecia, e com que houvera aditado a mãe pátria. Onde o fez, naquela égloga em que conta a história de Saladino, é ele verdadeiramente poeta; e se daí tirarem alguns trocadilhos que tinha aprendido em Itália, excelente e digno de imitar-se é o resto.

IV

Terceira época literária; principia a corromper-se o gosto e a declinar a língua. – Começo, até o fim do XVII séc.

Porém os sintomas do Gongorismo e Maneirismo¹¹⁹ se manifestavam já em Itália e Castela¹²⁰; não perfeitos ainda, não no auge a que os levaram os dois poetas, aliás engenhosos, cujo nome vieram a tomar; mas já assim mesmo a poesia moderna estava toda gafa¹²¹ dessa lepra de soberba requintada.

Vasco Mousinho de Quevedo¹²², que sem disputar é depois de Camões, nosso primeiro épico¹²³, aí tem já em toda a nobreza de seus versos a quebra de bastardia¹²⁴ desse defeito, que todavia é

nele ainda raro. Mas que belezas tem esse tão mal avaliado Affonso Africano¹²⁵, a que a cegueira e o mau gosto tem querido preferir a quixótica¹²⁶ e sesquipedal Ulisseia¹²⁷, a hiperbólea e campanuda Malaca¹²⁸! Não é regular o poema, não é um todo perfeito; o maravilhoso é frio, e a ação toda não muito bem deduzida; mas que riquíssimos episódios a enfeitam! A descrição de Zara, o jardim encantado onde aporta o príncipe D. João, e alguns outros trechos são cunhados com o selo da verdadeira poesia, e animados da luz que só dá o engenho. Quanto ao estilo, é com poucas exceções fluido e elegante; custa a achar em tão longo poema uma rima forçada ou má: e a mesma linguagem, suposto decline um tanto da primeira pureza, é ainda de boa lei e valiosos quilates.

Desta época é também Rodrigues Lobo, cujo grande lugar como prosista não é aqui próprio de examinar: de seu merecimento poético a comum opinião tem com justiça decidido dando-lhe uns dos primeiros (eu quisera o primeiro) lugar entre os bucólicos antigos; e outro muito diferente e inferior entre os épicos. E certo o Condestabre¹²⁹, apesar de muitos e bons pedaços descritivos, é frouxa e morna composição. Que diferente era a flauta que ia soando pelas margens do Lis, a dulcíssima flauta de Lobo, quando comparada com a tuba heroica, para cuja altivez lhe falecem natureza e arte! Seus pastores são verdadeiros pastores, sua linguagem é verdadeira do canto, não lhes saem pelos golpes do pelico¹³⁰ as alfaias¹³¹ da cidade, tão mal encobertas pelos outros bucólicos, os quais, sem exceção do próprio Camões todos pecam por muito sabidos e letrados, por discretos e galantes mais que soem ser aldeãos e pastores.

Além disso há derramados pela Primavera, Pastor peregrino¹³², etc., pedaços líricos de suma beleza, romances excelentes e verdadeiramente dignos de admiração e estudo.

Tínhamos perdido a independência; perdemos logo o espírito nacional, o timbre, o amor pátrio (que amor da pátria poderá haver em quem pátria já não tem!); a lisonja¹³³ servil, a adulação infame levou nossos desonrados avós a desprezar seu próprio riquíssimo e tão suave idioma, para escrever no gutural¹³⁴ Castelhana¹³⁵, preferindo os sonoros helenismos do português às aspiradas aravias¹³⁶ da língua dos tiranos. Vergonha que só tem par nas derradeiras vergonhas com que nos enxovalharam a língua e a fama

os tarellos¹³⁷, francelhos¹³⁸, gallici- parlas¹³⁹ e toda a caterva¹⁴⁰ dos gallo-manos¹⁴¹!

Em Castelhana escreviam já esses degenerados portugueses: mas pouco importava que o fizessem, que nisso fraca perda tivemos nós: de toda essa safra de versos castelhano-portugueses pouco ou nada há que espremer.

Desta comum baixeza se alevantou o honrado e douto magistrado Gabriel Pereira do Castro¹⁴², que depois de ter aberto na jurisprudência¹⁴³ um caminho novo e naquele tempo tão difícil por grandes verdades então perigosas, tomou ousado a trombeta de Homero, e não se arrojou a menos que a competir ao mesmo tempo com a *Ilíada* e *Odisseia*¹⁴⁴; que tanto abraça o assunto de seu poema. Grande é a concepção, bem distribuída as partes, regularíssimo o todo, regular e bela a ação, bem entendidos os episódios; mas o estilo...o estilo é, protótipo da *Fênix-renascida*¹⁴⁵, o requinte do gongorismo, cujo patriarca foi entre nós, pervertendo-nos, à sombra de uma grande fama e brilhante engenho, todo on resto escasso que de gosto tínhamos ainda, intrincando a poesia (senão que também a prosa por mau exemplo) num *dédalo*¹⁴⁶ inextricável¹⁴⁷ de conceitos, de argueias, de exagerações, de afetada sublimidade, falsa e vã grandeza; com que todo veio a terra a poesia nacional, e acabou a grande escola de Camões e Ferreira¹⁴⁸ que tantos e tamanhos alunos havia produzido. E supunha esse homem vaidoso ter sobrepujado com as queixotadas da sua *Ulisseia* as naturais belezas dos divinos *Lusíadas*!

Quase o mesmo errado trilho, mas que menos brilhante e com inferior engenho, seguiu Sá de Menezes¹⁴⁹ na *Malaca*. Esse poema que tanto tem engrandecido o mau gosto, é na minha opinião um dos derradeiros¹⁵⁰ títulos de glória da literatura portuguesa. E todavia é bem

regular, bem concebido, e a espaços se lhe encontram grandes rasgos de gentileza poética. A fala de Asmodeu¹⁵¹ no conselho infernal faz lembrar muito a de *Lúcifer*¹⁵² em Milton. Porém quando agitado o poeta do gênio mau que avexava¹⁵³ e endemoninhava os poetas de então, começa a guindar-se, a transpor os derradeiros limites da naturalidade; esquece todo o deleite¹⁵⁴ que algumas estâncias¹⁵⁵ mais descuidadas nos haviam causado, e é forçoso desemparrar¹⁵⁶ a dura tarefa de tão incomoda leitura, porque

verdadeiramente incomoda e cansa tal estilo, tal frase, tanto hiperbólico luxo e destemperado alambicar¹⁵⁷.

V

Quarta época: idade de ferro; aniquila-se a literatura, corrompe-se inteiramente a língua- fins do XVII, até meados do XVIII séc.

Mas ainda estes tinham sua nobreza, havia não sei que grande entre todas essas nuvens de talco; talvez lhes viesse dos assuntos: porém se os discípulos que ainda quiseram ir avante, deram em fazer silvas¹⁵⁸, acrósticos¹⁵⁹, e engendraram¹⁶⁰ todos os outros monstros (originários, segundo Diniz, do país das bagatelas¹⁶¹) e destilando mais e mais as quintas essências dos conceitos, tanto torceram e retorceram o já delgado fio poético, que de todo o quebraram. Só Manoel da Veiga¹⁶² o atou momentaneamente em uma ou duas liras da Laura de Amphriso¹⁶³. Logo tornou a estalar: e por aí andaram as pobres musas portuguesas jogando as cabras-cegas pelas éclogas do Poliphemo¹⁶⁴ e Galatea¹⁶⁵, pelos romances hendecassílabos¹⁶⁶, e por todos outros esconderijos do gosto depravado, de que boas amostras se conservam no precioso tombo da Fênix-renascida e alguns outros hoje ignorados livros dessa triste data.

E todavia já nós tínhamos recobrado tão gloriosamente nossa independência, já o nome português tornara a ser honra e nobreza, e ainda essa lepra castelhana lavrava.

Dois grandes escritores, ambos prosistas e ambos dignos de muito louvor, concorreram para a continuação deste mal. Quem podia deixar de admirar Vieira¹⁶⁷? Quem não iria levado pela torrente da sua

eloquência? Quem resistiria aos ímpetos de arrebatamento de Jacinto Freire¹⁶⁸? O grande talento de ambos, a vasta erudição e desmedido engenho de Vieira sobre tudo, fizeram grande dano à literatura: sabiam, escreviam perfeitamente a língua, tinham grande crédito na

Dossiê Especial – Volume I – Número 1 – Pato Branco - 2014

corde, tratavam grandes assuntos, animavam o nobre e sincero entusiasmo da glória e liberdade nacional: tudo foi após eles; imitaram-lhes vícios e virtudes: como não distinguiam em Vieira o grande orador, o grande filósofo do gongorista afetado (quando o era) não estremavam em Jacinto Freire o historiador, o panegirista¹⁶⁹ do declamador, do acadêmico vão; ruim e bom seguiam. E como é mais fácil imitar a afetação, que a naturalidade, as argúcias¹⁷⁰ de má arte, que as graças de boa natureza; os imitadores foram além de seus tipos no afetado, no mau deles, ficaram imenso aquém do que nesses era belo e para imitar.

Nem o conde da Ericeira¹⁷¹ que traduziu a Arte poética de Boileau e dele levou tão imerecidos e banais elogios, tomou dela triaga¹⁷² bastante para se curar do veneno comum: e ainda assim melhor é sua frígida Henriqueida que os outros versos que por então se faziam em Portugal: porém o único olho que o fez rei em terra de cegos, não lhe era bastante para ver o acertar com a vereda¹⁷³ da posteridade. Aí morreu no seu século e jaz pela poeira de alguma livraria de bibliomânico¹⁷⁴.

As academias de historia, de literatura do tempo de D. João V¹⁷⁵, as associações ridículas de todos os nomes e descrições que então se formaram, a mais e mais empeioraram o mal, que progressivamente cresceu até o ministério do Márques de Pombal¹⁷⁶.

VI

Quinta época: restauração das letras em Portugal - Meio do século XVIII até o fim

A civilização e as luzes que a geram, tinham-se estendido do sul para o norte. A corrupção que após elas vem em seu marcado período, as fora apagando, ou enevoando ao menos, na mesma direção. De sorte que pelos fins do século XVII o meio dia, que havia sido berço da ilustração da Europa, quase se enoitava das trevas da

ignorância, as quase pareciam voltar como em *reação* para ponto de onde partira a primeira *ação* da luz que as dissipara.

O norte, que mais tarde se havia alumiado, progredia no entanto: as boas letras, as artes, as ciências floresciam na Inglaterra e por quase toda a Alemanha. Milton, Descartes¹⁷⁷, Newton¹⁷⁸ e Linneu brilharam ao setentrião¹⁷⁹ da Europa; e nós meridionais estudávamos as *cathegorias* e as *summas*, aguçávamos distinções, alambicávamos conceitos, retorcíamos a frase no discurso, torcíamos a razão no pensamento.

Porém a face do mundo estava começada a mudar: as antigas barreiras que a política e os preconceitos erguiam entre povo e povo quase desapareciam; as mútuas necessidades, e até o mesmo luxo, faziam quase indispensável precisão as permutações do comércio; e o comércio fraternizou as nações.

Reciprocamente se estudaram as línguas, generalizou-se esse estudo: então é que exatamente os sábios começaram a ser de todos os países: os bons livros pertenceram a todas as línguas; e verdadeiramente se formou dentro de todos os estados um estado que (sem os inconvenientes do *status in statu* dos ultramontanos¹⁸⁰) com justiça e exação¹⁸¹ obteve e mereceu o nome de república das letras, a qual é uma universal, e sem perigo de chisma.

Os efeitos desta alteração no modo de existir do universo foram sensíveis: as luzes não só reverteram (sem retrogradar) do norte para o sul, mas se difundiram gerais. A França viu então o século de Luiz XIV¹⁸²; Itália deixou santo Tomás¹⁸³ e os *concetti* por melhor filosofia e melhor gosto; Espanha teve o seu Carlos III¹⁸⁴; e Portugal no reinado de el-rei D. José ¹⁸⁵subiu à altura dos outros povos, senão é que em muitas coisas acima.

E ainda na reforma da universidade não tinham aparecido Monteiros-da-Rocha e os outros portugueses que dali expulsaram a barbaridade entrincheirada em Coimbra¹⁸⁶ como em sua ultima cidadela da Europa, e já a razão e o gosto recobravam seu império na literatura; já as odes do Garção¹⁸⁷, as obras do padre Freire e de outros ilustres filólogos haviam afugentado *as silvas, os acrósticos*, e os campanudos períodos do conde da Ericeira, regenerada a poesia e restituída a língua.

Outra vez ainda o limitado deste bosquejo¹⁸⁸ me impede de mencionar outros engenhos que tanto mereceram da pátria e da

literatura e remoçaram a perdida língua de Camões. Exige o meu assunto e o meu espaço que me estreite no círculo poético.

Garção foi o poeta de mais gosto e (por aventurar uma expressão que não é legitima, mas pode ser legitimada portuguesa) de mais *fino tato* que entre nós apareceu até agora. Haverá em outros mais fogo, outros ferverão em mais entusiasmo, criarão acaso mais, porém a delicadeza de Garção só tem rival na antiguidade. A musa pura, casta, ingênua, nunca lhe desvairou: em suas composições há delas onde a mais aguçada crítica não esmiunçará um defeito. Tal é a cantata de Dido¹⁸⁹, umas das mais sublimes concepções do engenho humano, uma das mais perfeitas obras executadas da mão do homem. Todo se deu ao gênero lírico, especialmente ao Horaciano¹⁹⁰; e nesse ninguém o excedeu, antes ninguém o igualou. A ode à virtude, a que se intitula o Suicídio (que pela primeira vez sai a lume nesta coleção) outras muitas que longo fora enumerar, são de uma beleza, de uma correção, de *umacabado* (como dizem os pintores) que dificilmente se imitará, tarde se chegará a igualar.

Não da mesma sorte Antonio Diniz¹⁹¹, que mais arrojado, mais pomposo, menos correto e elegante, assim correu mais caudalosa, porém menos pura torrente. Enquanto lírico, tem rasgos pindáricos verdadeiramente sublimes; mas o todo de suas odes é em demasia ornamentado; e elas entre si pecam amiúde¹⁹² de monotonias e repetições. Talvez o jugo dos consoantes, que tão desnecessariamente se impôs, o acanhou a isso. Mas nas anacreônticas é ele sem disputa o primeiro poeta português, e digno rival do ancião de Teios¹⁹³. No gênero bucólico também nos deixou muito bonitas coisas, nenhuma perfeita. Porém a verdadeira coroa poética do Diniz Thalia lha teceu, que não outra musa. *OHyssope* é o mais perfeito poema herói-cômico de seu gênero⁶ que ainda se compôs em língua nenhuma: se no castigado da dicção o excede o Lutrin¹⁹⁴; no desenho da obra, na regularidade do edifício, na imaginação, foi o discípulo de Boileau muito além de seu grande mestre: e com mais exação se diria de um e outro o que de Camões e Tasso¹⁹⁵ presunçosamente disse Voltaire¹⁹⁶: que se a imitação

⁶ Digo de seu gênero, porque Orlando furioso também é herói-cômico, mas de outro gênero.

daquele fizera este, a sua melhor obra era essa. O palácio do gênio das Bagatelas, a conversa do deão¹⁹⁷ na cerca dos capuchos¹⁹⁸, a ressurreição e vaticínio *do gallo*¹⁹⁹ *assado*, a caverna d'Abacadabro²⁰⁰ serão, enquanto houver gosto, estudados como exemplar pelos literatos, lidos e relidos sempre com prazer por todos os amigos das artes.

Após estes vem o virtuoso e honrado Quita²⁰¹, a quem pagou a pátria com miséria e fome as imensas riquezas que para a língua e literatura de seus versos herdou. Um pobre cabeleireiro, a quem as musas que serviu, os grandes que com elas honrou nunca tiraram do triste ofício, pode de sua baixa condição social alevantar-se do primeiro grau literário, que acaso lhe disputam ignorantes ou presunçosos, nenhum homem do gosto deixará de lho dar.

Este é em meu humilde conceito o nosso melhor bucólico: tomo a liberdade de contrastar a opinião comum, porque o meu dever de crítico me obriga a enunciar lealmente o meu pensamento. Tenho para mim (e fico que acharei quem me siga se de boa fé quiserem entrar no exame) que imensa cópia de composições pastoris, as quais não são riqueza, mas desperdício de nossas musas, ou pecam por empoladas, por inverossímeis, por baixas, por demasiado naturais, por sobejo elevadas. Um meio termo difícilíssimo de tocar, de nele permanecer, um estilo singelo como o campo, mas não rústico como as brenhas²⁰², são dos mais difíceis requisitos que de um poeta se podem exigir. Se tem engenho, custa-lhe amoldar-se e a retê-lo que não suba mais alto que a difícil medida, e raro deixa de a exceder, de perder-se do bosque e acabar em jardins cidadãos e conversas de damas e cavalheiros o que começara no monte ou na várzea entre pastores e serranas.

Nem Virgílio²⁰³ dali escapou, nem Sannazaro, nem Camões; Gessner²⁰⁴ sim, e depois de Gessner, o nosso Quita. Não digo que não tenha defeitos, ainda em seu gênero pastoril; mas a boa e honrada crítica fala em geral, louva o bom, nota o mau, porém não faz timbre em achar defeitos e erros na menor falta para se regozijar da censura. Grandes homens, grandes erros: a natureza da mediocridade é cingir-se²⁰⁵ a tristes preceitos para esconder sua mesquinhez: porém de tais nunca falou posteridade. Horacio e Boileau foram atrevidos quando lhes cumpriu, e desprezaram regras e arte quando os chamou a natureza, e lhes mostrou sublime.

Filinto²⁰⁶, que os sabia de cor, também se levantou acima das regras, e nunca foi tamanho. E todavia foi ele o maior poeta de seu século: mas os grandes engenhos não contraveem a lei, são superiores a ela, e são eles viva lei.

Muito distinto lugar obteve entre os poetas portugueses desta época Claudio Manoel da Costa²⁰⁷: o Brasil o deve contar seu primeiro poeta⁷, e Portugal entre um dos melhores.

Deixou-nos alguns sonetos excelentes, e rivalizou no gênero de Metastasio²⁰⁸, com as melhores cançonetas do delicado poeta italiano. A que dirige à lira com sua palidonia imitando a tão conhecida do mesmo Metastasio à Nice, *Grazie all' ingani tuoi*, pode-se apontar como excelente modelo. Nota-se em muitas partes dos outros versos dele vários resquícios de *gongorismo* e afetação *seiscentista*²⁰⁹.

E agora começa a literatura portuguesa a avultar e enriquecer-se com as produções dos engenhos brasileiros. Certo é que as majestosas e novas cenas da natureza naquela vasta região deviam ter dado a seus poetas mais originalidade, mais diferentes imagens, expressões e estilo, do que neles aparece: a educação européia apagou-lhes o espírito nacional: parece que receiam de se mostrar americanos; e daí lhes vem uma afetação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades.

Muito havia que a tuba épica estava entre nós silenciosa, quando Fr. José Durão²¹⁰ a embocou para cantar as romanescas aventuras de Caramuru²¹¹, o assunto não era verdadeiramente heróico, mas abundava em riquíssimos e variados quadros, era vastíssimo campo sobretudo para a poesia descritiva. O autor atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinar-se para formar a Harmonia de seu canto; mas de leve o fez: só se estendeu nos menos poéticos objetos; e daí esfriou muito do grande interesse que a novidade do assunto e a variedade das cenas prometia. Notarei por exemplo o episódio de Moema²¹², que é um dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que belíssimas coisas da situação da amante brasileira, da do herói, do lugar, do tempo não pudera tirar o autor se tão de leve não houvera desenhado este, assim como outros painéis?

⁷ Em antiguidade.

O estilo é por vezes afetado: lá surdem aqui e ali seus *gongorismos*; mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, há oitavas belíssimas, ainda sublimes.

Depois de Diniz o lugar imediato nos anacreônticos pertence a outro Brasileiro.

Gonzaga²¹³, mas conhecido pelo nome pastoril de Dirceu, e pela sua Marília²¹⁴, cuja beleza e amores tão célebres fez naquelas nomeadas liras. Tenho para mim que há dessas liras algumas de perfeita e incomparável beleza: em geral a Marília de Dirceu é um dos livros a quem o público fez imediata e boa justiça. Se lhe houvesse por minha parte de lhe fazer alguma censura, só me queixaria, não o que fez, mas do que deixou de fazer. Explico-me: quisera eu que em vez de nos debuxar no Brasil cenas da Arcádia²¹⁵, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus painéis com as cores do país onde os situou. Oh! E quanto não perdeu a poesia nesse fatal erro! Se essa amável, se essa ingênua Marília fosse, como a Virginia²¹⁶ de Saint- Pierre²¹⁷, sentar-se a sombra das palmeiras, e enquanto lhe revoavam em torno o cardeal soberbo com a púrpura dos reis, o sabiá terno e melodioso, - que saltasse pelos montes espessos a cotia fugaz como a lebre da Europa, ou grave passeasse pela orla da ribeira o tatu escamoso, - ela se entretivesse em tecer para o seu amigo e seu cantor uma grinalda não de rosas, não de jasmims, porém dos roxos martírios, das alvas flores dos vermelhos bagos do lustroso cafezeiro; que pintura, se a desenhara com sua natural graça o ingênuo pincel de Gonzaga!

Justo elogio merece o sem sensível cantor da infeliz Lindoia²¹⁸ que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brasileiros. O *Uruguai*²¹⁹ de José Basílio da Gama²²⁰ é o moderno poema que mais mérito tem na minha opinião. Cenas naturais muito bem pintadas, de grande e bela execução descritiva; frase pura e sem afetação, versos naturais sem ser prosaicos²²¹, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades comuns. Os Brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional, e legítima americana. Mágoa é que tão distinto poeta não limasse mais o seu poema, não lhe desse mais amplidão, e quadro tão magnífico o acanhasse tanto. Se houvera tomado esse trabalho,

desapareceriam algumas incorreções de estilo, algumas repetições, e um certo desalinho geral, que muitas vezes é beleza, mas continuado e constante em um poema longo, é defeito.

Muito há que os nossos autores desampararam o teatro: eis aí o faceto Antonio José²²², a quem muitos quiseram apelidar Plauto português e que sem dúvida alguns serviços tem a esse título, porém não tantos como apaixonadamente lhe decretaram. Em seus informes

dramas algumas cenas há verdadeiramente cômicas, alguns ditos de suma graça; porém essa degenera amiúde em baixa e vulgar. Talvez que o *Alecrim e Mangerona* seja a melhor de todas, e de certo o assunto é eminentemente cômico e português: hoje teria todo o mérito de uma comédia histórica: e se fora tratada no gênero de Beaumarchais,²²³ produziria uma excelente peça.

VII

Época, segunda decadência da língua e literatura: galicismo²²⁴ e traduções

À volta este tempo se formou a academia das ciências de Lisboa pelos generosos esforços do duque de Lafões²²⁵. Esse corpo científico, de quem tanto bem se augurou²²⁶ para a língua e literatura nacional, nem fez tudo o que dele se esperava, nem uma parte muito pequena do que podia e lhe cumpria fazer: mas nem foi inútil, nem, como alguns tem querido, prejudicial. E todavia sua força moral não foi bastante para vencer um mal terrível que já no tempo de sua criação se manifestava, mas que depois, cresceu e avultou a ponto, que veio a tornar-se quase indestrutível.

Este mal foi a *galomania*²²⁷, que sobre perverter o caráter da nação, de todo perdeu e acabou com a já combalida²²⁸ linguagem: frases bárbaras repugnantes à índole do idioma, termos híbridos, locuções arrastadas, sem elegância, formaram a algaravia²²⁹ da moda, e prestes invadiram todas as províncias das letras. Estudar a língua

materna, como aquela em que e falamos e escrevemos, é dos mais difíceis estudos, há mister longa e porfiada²³⁰ aplicação. Que bela invenção para a ignorância e para a preguiça não foi esta nova linguagem mascavada e de furtacores, que todos podiam saber sem fadiga, cujas leis cada um moderava e arbitrava a seu modo, alterava a seu sabor com tão plena liberdade de consciência! Foi a religião de Mafoma²³¹: propagou-a, a incontinência²³², a soltura, o desenfreio do apetite. Desprezaram-se os clássicos, apodaram-se de ignorantes, de rançosos; e os que não ousavam, por algum resto de vergonha, desacatar assim as honradas cãs dos nossos mestres, saíram então com o banal e ridículo pretexto de que ninguém podia lê-los pelas matérias que trataram; que tudo eram sermões, vidas de santos, histórias de conventos, de frades. Vergonhosa desculpa! Com quê as décadas de Barros, que foi talvez o primeiro que introduziu com feliz execução o estilo clássico na história moderna, são crônicas de conventos? Fernão Mendes Pinto²³³, o primeiro europeu que escreveu uma viagem regular da China e dos extremos da Ásia, são vidas de santos? E dessas mesmas vidas de santos, quantas delas são de sumo interesse, divertida e profícua leitura? A vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires²³⁴ tem toda a valia das mais gabadas memórias históricas, de que hoje anda cheia a Europa, e que ninguém taxou ainda de pouco interessantes. Quando outra coisa não contivesse aquele excelente livro senão a narração do concílio de Trento, a viagem e estada do arcebispo em Roma, já seria ele uma das mais curiosas e importantes obras do século XVI. E D. Francisco Manoel de Mello, e Rodrigues Lobo, e Camões, e grande cópia de poetas de todos os gêneros, - tudo isso são sermonários, vidas de santos?

Miséria é o que o geral dos portugueses jurou nas palavras de quatro peralvilhos²³⁵ que essas calunias pregavam: passou em julgado que os clássicos não se podiam ler, e ninguém mais quis tomar o trabalho nem sequer de examinar se sim ou não assim era.

Neste estado de coisas apareceram em Portugal dois homens extraordinários, ambos dotados pela natureza de prodigioso engenho poético, Francisco Manoel e Bocage²³⁶. Aquele, filho da escola de Garção e Diniz, cultivou muito tempo as musas clássicas, e já imbuído no gosto da antiguidade, já imitador e rival de Horácio e

Píndaro²³⁷, começou a ser conhecido em idade madura. Este, quase desde a infância poeta, apareceu no mundo em toda a efervescência dos primeiros anos, ardente cantor das paixões, entusiasta, agitado do seu próprio natural violento, rápido, insofrido²³⁸, sem cabal instrução para poeta, com todo o talento (raro, espantoso talento!) para improvisador.

Ambos começaram imitando os grandes mestres de seu tempo seguindo cada um em seu gênero o estilo e gosto adotado e geral desde a restauração das letras no meado do século. Mas não são engenhos grandes para seguir, se não para fundar escolas: nem tardou muito que cada um, por seu lado, não sacudisse todo jugo da imitação, e seguisse livre e rasgadamente um trilho novo. Bocage a quem seu fado, por mais aventureira lhe fazer a vida, levou ao antigo teatro das glórias portuguesas, voltando da Ásia foi recebido em Lisboa entre os aplausos dos muitos admiradores que já tinha deixado na viril infância de seu talento poético. Argumentou-se esta admiração com os novos improvisos do jovem poeta, com a extrema facilidade, com o muito sonoro de seus versos. O fogo de suas ideias ateou o entusiasmo geral; a mocidade se inflamou com o nome de Bocage: de entusiasmo degenerou em cegueira, em mania; não lhe viam já defeitos; menos ele em si mesmo. Ninguém duvidava que os improvisos dos cafés do Rocio eram superiores a todas as obras da antiguidade, e que um soneto de Bocage valia mais que todos esses volumes diversos do século de João III e do de José I . Esta era a opinião comum da mocidade; e tão geral se fez, tantas vezes a ouviu repetir o objeto de tal idolatria, que força era que a acreditasse, que com ela se desvanecesse e desvairasse.

Isso lhe aconteceu. O temperamento irritável e ardentíssimo de Bocage o levava naturalmente às hipérboles e exagerações: essas eram as mais admiradas de seus ouvintes; requintou nelas, subiu a ponto que se perdeu pelos espaços imaginários de sua criação fantástica, abandonou a natureza, e a supôs acanhado elemento para o gênio. Mais ele repetia *eternidades, mundos, céus, esferas, orbes*²³⁹, *fúrias, gorgonas*²⁴⁰; mais dobrava o aplauso; mais delirava ele, mais o admiravam. Ao cabo, nem ele a si, nem os outros a ele o

entendiam.⁸ A par e passo que as ideias desvairavam, desvairava também o estilo, e enfim se reduziu a uma continuada antítese, perpétuos trocadilhos, *tours-de-fource*²⁴¹, pulos, saltos, rompantes, castelhanadas, com que se tornou monótono e (usarei uma expressão de pintor) *amaneirado*.

A metrificação de Bocage, julgam-na sua melhor qualidade; eu a pior; ao menos, a que piores efeitos causou. Não fez ele um verso duro, mal soante, frouxo, porém não são esses os únicos defeitos dos versos. As várias ideias, as diversas paixões e afetos, as distintas posições e circunstâncias do assunto, do objeto, de mil outras coisas, - variada medida exigem, como exige a música vários tons e cadencias. A mesma medida sempre, embora cheia e boa, - o mesmo tom, embora afinado, - a mesma harmonia embora perfeita, - o mesmo compasso, embora exato, fazem monótona e insuportável a mais bela peça de música ou de poesia. E tais os versos de Bocage, que nos pretendem dar para tipo seus apaixonado cegos: digo *cegos*, porque muitos tem ele (e nesse número que conto!) que o são, mas não cegos. Imitar com o som mecânico das vozes a harmonia íntima da ideia, suprir com as vibrações que só podem ferir a alma pelo órgão dos ouvidos, a vida, o movimento, as cores, as formas dos quadros naturais, eis aí a superioridade da poesia, a vantagem que tem sobre todas as outras belas artes: mas quão difícil é perceber e executar esse delicadíssimo ponto! Poucos o conseguiram: Francisco Manoel foi entre nós o que mais finamente o entendeu e executou, mas nem sempre, nem cabalmente.

Porém nos intervalos lúcidos que a Bocage deixava o fatal desejo de brilhar, em alguns instantes que, desposso do demônio das hipérboles e antíteses, ficava seu grande engenho a sós com a natureza e em paz com a verdade, então se via a imensidade dessa grande alma, a fina *têmpera*²⁴² desse raro engenho que a aura popular estragou, perdeu o pouco estudo os costumes desregrados, a miséria, a dependência, a soltura, a fome. Muitas epistolas, vários idílios²⁴³

⁸ Assim lhe sucedeu, principalmente em muitos dos, por natureza e essência. Hiperbólicos elogios dramáticos: gênero de composição extravagante e quase sempre ridículo.

marítimos, algumas fábulas, e epigramas, as cantatas, não são medíocres títulos de glória. Dos sonetos há grande cópia que não tem igual nem em português, nem em língua nenhuma, de uma força, de uma valentia, de uma perfeição admiráveis. O resto é pequeno e pouco. A linguagem é pobre; às vezes fácil, mas em geral escassa. Sabia pouco a língua; a força do grande instinto lhe arredava os erros; mas as belezas do idioma, só as dá e ensina o estudo. As traduções de Ovídio Delille e Castel são primorosas.

Mas de traduções estamos nós gafos: e com traduções levou o ultimo golpe a literatura portuguesa; foi a estocada de morte que nos jogaram os estrangeiros. Traduzir livros de artes, de ciências é necessário, é indispensável; obras de gosto, de engenho, raras vezes convém; é quase impossível fazê-lo bem, é míngua e não riqueza para a literatura nacional. Essa casta de obras estuda-se, imita-se, não se traduz. Quem assim faz acomoda-as ao caráter nacional, dá-lhes cor de próprias, e não só veste um corpo estrangeiro de alfaías nacionais (como o tradutor), mas a esse corpo dá feições, gestos, modo, e índole nacional: assim fizeram os Latinos, que sempre imitaram os Gregos e nunca os traduziram; assim fizeram os nossos poetas da boa idade. Se Virgílio houvera traduzido a Ilíada, Camões a Eneida²⁴⁴, Tasso²⁴⁵ os Lusíadas, Milton²⁴⁶ a Jerusalém²⁴⁷, Klopstock²⁴⁸ o Paraíso Perdido²⁴⁹; nenhum deles fora tamanho poeta, nenhuma dessas línguas se enriquecera com tão preciosos monumentos: e todavia imitaram uns dos outros, e dessa imitação lhes veio grande proveito.

Esta mania de traduzir subiu a ponto em Portugal, e de tal modo estragou o gosto do público, que não só lhe não agradavam, mas quase não entendia os bons originais portugueses: a poesia, a literatura nacional reduziu-se a monótonos sonetos, a trovinhas de amores, a insípidas enfiadas.

De versinhos anões a anãs Nerinas

Tão baixos nos puseram os admiradores e imitadores de Bocage, a quem justamente a crítica estigmatizou com o nome de *elmanistas*, - e

de *elmanismo*²⁵⁰ sua afetada escola. Neles se mostraram exagerados os defeitos todos do entusiasta Elmano, sem nenhum dos grandes dotes, das brilhantes qualidades do poeta Bocage.

Alguns há contudo de quem esta asserção não deve entender-se em todo o rigor da frase. João Batista Gomes, autor da *Castro*, mostrou nela muito talento poético e dramático. Dentre os bastos defeitos dessa tragédia sobressaem muitas belezas. Desvaira-o o *elmanismo*. Derrama-se por madrigais quando a austeridade de Melpomene pedia concisão, força e naturalidade; perde-se em declamações, extravagava em lugares comuns, inverte a dicção com antíteses, destrói toda a ilusão com versos amiúde sesquipedais e entumecidos; mas por meio de todas essas névoas brilha muita luz de engenho, muita sensibilidade, muita energia de coração; predicados que com o estudo da língua que não tinha, com a experiência que lhe falecia, triunfariam ao cabo do mau gosto do tempo, e viriam provavelmente a fazer de João Batista Gomes o nosso melhor trágico. Atalhou-o a morte em tão ilustre carreira, e deixou órfão o teatro português que de tamanho talento esperava reforma e abundância.

Mas enquanto Bocage e seus discípulos tiranizavam a poesia e estragavam o gosto, Francisco Manuel, único representante da grande escola de Garção, gemia no exílio, e de lá com os olhos fitos na pátria se preparava para lutar contra a enorme hidra cujas inúmeras cabeças eram o galicismo, a ignorância, a vaidade, todos os outros vícios que iam devorando a literatura nacional.

A sua epístola sobre a arte poética e língua portuguesa, pode rivalizar com a de Horácio aos Pisões: força de argumentos, eloquência da poesia, nobre patriotismo, finíssimo sal da sátira, tudo ali peleja contra o monstro multiforme.

Que direi das odes? Minha íntima persuasão é que nunca língua nenhuma subiu tão alto como a portuguesa na lira de Francisco Manuel. Que há em Píndaro comparável à ode a Afonso d'Albuquerque? Onde há poesia sublime, elegante, imensa como seu assunto, na dos novos Gamas? Se o patriotismo falasse alguma hora aos degenerados netos de Pacheco e Albuquerque, que poderia ele dizer-lhes igual àquela inestimável ode que se intitula *Netuno aos portugueses*? E quando a liberdade troa na espada de Washington,

submete os raios de Júpiter ao cetro dos tiranos aos pés de Franklin, ou tece pelas mãos de Penn os laços de fraterna união! Que imenso, que grandioso é o cantor de tamanhos objetos! Quando nas odes a Venus, a Marfisa, a Márcia *voltando inopinada*, no hino à noite se requebra em amoroso júbilo, ou se enternece de saudade, todo é graças e primores de linguagem, de imaginação, de estilo, de delicadeza, de inimitável poesia. No gênero Horaciano não é ele tão puro e perfeito como Garção, mas nem entendeu menos nem imitou pior o seu modelo.

Entre as epístolas há muitas admiráveis: dos contos e das fábulas, alguns como elegante sal e chiste²⁵¹. As traduções do Oberon de Wielland, da Guerra púnica de Sílio Itálico, mas sobre todas, a dos Mártires de Chateaubriand, são tesouros de linguagem e de poesia.

Nenhum poeta desde Camões havia feito tantos serviços à língua portuguesa: só por si Francisco Manuel valeu uma academia, e fez mais que ela, muita gente abriu os olhos, e adquiriu amor a seu tão rico e belo, quanto desprezado idioma: e se ainda hoje em Portugal há quem estude os clássicos, quem não se envergonhe de ler Barros e Lucena, deve-se ao exemplo, aos brados, às invectivas do grande propugnador de seus foros e liberdades.

Nos últimos períodos de sua longa vida afrouxaram as enérgicas faculdades deste grande poeta, e exceto a tradução dos Mártires (que assim mesmo tem seus altos e baixos) quase tudo o mais que fez é tívio e morno como de octogenário se podia esperar. O nímio temor de cometer galicismos, a que tinha justo e santo horror, o fez cair em arcaísmos e afetação demasiada de palavras antiquadas e excessivos hipérbatos²⁵². Não são porém estas faltas, nem tantas nem tamanhas como o pregou a inveja e a ignorância.

Muito honrosa menção deve a história da língua e poesia portuguesa a Domingos Maximiano Torres, cujas églogas rivalizavam com as de Quita e Gessner, cujas cançonetas são, depois das de Cláudio Manuel da Costa, as melhores que temos. Foi este muito íntimo de Francisco Manuel, mas tenho por muito exagerados os elogios que dele recebeu.

Antonio Ribeiro dos Santos, honra da magistratura portuguesa, foi imitador e êmulo²⁵³ de Ferreira: poucos engenhos, poucos caracteres, poucos estilos há tão parecidos; se não que o autor dos coros da Castro era muito maior poeta, e o cantor do grande D. Henrique muito melhor metrificador. Esta ode ao infante sábio, algumas outras a vários heróis portugueses, algumas das epistolas, e especialmente os versos que lhe ditava a amizade para o seu Almeno, são de uma elegância e pureza de linguagem raríssima em nossos dias.

Este Almeno é Fr. José do Coração de Jesus, missionário de Bracannes, que traduziu os primeiros livros das metamorfoses de Ovídio em excelente, riquíssimo, puríssimo português, mas em maus versos: e ainda assim, alguns deles são felizes: é de estudar, de versar com mão *diurna* e *noturna* esse começo de tradução para quem quiser conhecer as riquezas de uma língua que compete, emparelha, vence às vezes, a sua própria mãe latina.

Duas ou três odes deste virtuoso e erudito padre são muito bonitas.

Nicolau Tolentino é o poeta eminentemente nacional no seu gênero: Boileau teve mais força, mas não tanta graça como o nosso bom mestre de retórica. E de suas sátiras ninguém se pode escandalizar; começa sempre por casa e primeiro se ri de si antes que zombeteie com os outros. As pinturas dos costumes, da sociedade, tudo é tão natural, tão verdadeiro! Confesso que de todos os poetas que meu triste mister de crítico me tem obrigado a analisar, único é este em cuja causa me dou por suspeito: tanta é a paixão, a cegueira que tenho pelo mais verdadeiro, mais engraçado, mais *bom homem* de todos os nosso escritores. Aquele *bilhar*, aquela *função de burrinhos*, aquele *chá*, aquelas despedidas *ao cavalo deitado à margem*; o memorial ao príncipe, o presente do *perum*, são

belezas que só não admirarão atrabilários zangãos em perpétuo estado de guerra com a franca alegria, com o ingênuo gosto da natureza.

De José Anastácio da Cunha, que das matemáticas puras nos deu o melhor curso que há em toda a Europa, desse infeliz engenho (que talento houve já feliz em Portugal?) a quem não impediam as

Dossiê Especial – Volume I – Número 1 – Pato Branco - 2014

retas de Euclides, nem as curvas de Arquimedes de cultivar também as musas, de tão ilustre e conhecido nome que direi eu senão o muito que me pesa da raridade de suas poesias? Todas são filosóficas, ternas e repassadas de uma tão meiga sensibilidade algumas, que deixam na alma um eco de harmonia interior que não vem do metro de seus versos, mas das ideias, dos pensamentos. Todavia há mister lê-lo com prevenção, porque (provavelmente estropiada de copistas) a frase nem sempre é portuguesa de lei.

O padre A. P. de Sousa Caldas, brasileiro, é dos melhores líricos modernos. A poesia bíblica, apenas encetada de Camões na paráfrase do salmo *super flumina Babylonis*, foi por ele maravilhosamente tratada; e desde Milton e Klopstock ninguém chegou tanto acima neste gênero.

A cantata de Pigmalião, a ode O homem selvagem são excelentes também.

Aqui me cai a pena das mãos: o estádio livre para a crítica imparcial acabou. Nem posso continuar a exercê-la sem temor, nem o faria ainda assim, pois não quisera ver revogadas minhas presumidas sentenças pela severa posteridade, quase sempre anuladora de juízos contemporâneos.

Não posso todavia fechar este breve quadro sem patentear a admiração, e o indizível prazer que me deu o poema do Passeio do Sr. J. M. da Costa e Silva, cuja existência tinha a infelicidade de ignorar (tão pouco sabemos nós portugueses das riquezas que temos em casa!) e que não sei que tenha que invejar a Thompson e Delille, se não for na pouca extensão e, acaso dirá mais severo juiz, em algum verso de demasiado *elmanismo*. Quanto a mim, folgo de me lisonjear com a esperança que seu autor lhe dará a amplidão e mais (poucos mais) retoques com que ficará por ventura o melhor poema desse gênero.

Apesar dos motivos referidos, pedirei uma vênua²⁵⁴ mais para mencionar como um poema que faz suma honra ao nome português, a Meditação do Sr. J. A. de Macedo, que tem sido censurada por quem não é capaz de entendê-la. Não sei eu se ela tem defeitos; é obra humana, e de certo lhes não escapou; mas sublimidade, cópia

de doutrina, frase portuguesa, e grandes ideias, só lho negará a cegueira ou a paixão.

Cita-se com elogio o nome do Sr. J. F. de Castilho, jovem poeta que se despica da injúria da sorte que o privou da vista, com muita luz de engenho poético.

Os *ditirambos* do Sr. Curvo Semedo, as odes do Sr. J. Evangelista de Moraes merecem grande favor do público: os apólogos do Sr. J. V. Pimentel Maldonado são por certo dignos da maior estimação.

As Geórgicas do Sr. Mozinho d'Abulquerque que fizeram a reputação poética de seu benemérito autor, alguns lhe acharam demasiada erudição, e queriam mais poesia e menos ciência. Eu por mim tomarei a confiança de pedir ao ilustre poeta, em nome da literatura portuguesa, que na segunda edição de sua tão útil obra não desdenhe de aproveitar os muitos e riquíssimos ornatos que habilmente pode tirar de nossas festas rurais, de nossas usanças (como freiras, serões, desfolhas, etc.), das descrições de nosso formoso país; com que decerto fará mais nacional e interessante seu estimável poema. Não sei também se alguma incorreção tipográfica ou de cópia, seria origem de várias imperfeições e impurezas de linguagem, que os escrupulosos (e em tal matéria é forçoso sê-lo) lhe notam.

Tudo isso esperamos os portugueses que nos vangloriamos de sua excelente obra, vê-lo melhorado na próxima edição que já reclama o público impaciente.

A literatura portuguesa não mostra presentemente grandes sintomas de vigor: mas há muita força latente sob essa aparência; o menor sopro animador que da admiração lhe venha, ateará muitos luzeiros com que de novo brilhe e se engrandeça.

FIM

Texto transcrito pelas acadêmicas Cristiane Martos Pires, Priscila Schwartz e Raquel Maria Ries do curso de Licenciatura em

Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco, sob a orientação do professor Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier. A ortografia foi atualizada segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A pontuação e o uso de iniciais maiúsculas foram uniformizados de acordo com os padrões atuais.

Este trabalho integra o projeto “Diálogos Lusófonos: apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para Crítica Literária no Brasil e em Portugal”. Este projeto conta com o apoio financeiro do CNPq. Em caso de citação deste texto, pede-se que se mencione o projeto de que faz parte e o apoio financeiro do CNPq.

O texto original se encontra no exemplar de O Retrato de Vênus, digitalizado e oferecido pela Digital Library of the University of Toronto, cuja ficha se reproduz a seguir:

Título: Garrett, Almeida. *O Retrato de Vênus e Estudos de História Litterária*. 3ª. Edição. Porto: Ernesto Chardron Editor, 1884.

Local de Publicação: Porto, PORTUGAL. **Ano de Publicação:** 1884

Descrição Física: p. 1 - 235

Idioma: Português

Patrocínio: University of Toronto – Presented to the Library of the University of Toronto by Professor Ralph G. Stanton.

Direitos: Domínio público

Assunto:

Poesia

Crítica Literária

Ensaio Literário

URI: <http://www.archive.org/details/1884oretratodeve00alme>

Tipo: Livro

¹ sutileza de espírito, dito espirituoso, raciocínio sutil.

² o que sobra, excede.

³ sábio, culto.

⁴ estudo científico de uma língua através de seus documentos escritos.

⁵ pequena obra de ciência ou literatura, folheto.

⁶ alívio, distração, sangue-frio, sossego de espírito.

⁷ encerrar, enfrentar.

⁸ cercar, limitar, restringir, reprimir.

⁹ qualificação, alcunha.

¹⁰ trema.

¹¹ esboço, rascunho.

¹² estrear, ser o primeiro a fazer alguma coisa.

¹³ filósofo e crítico literário alemão.

¹⁴ historiador e economista suíço.

¹⁵ que é ou está do jeito que deve ser, a que não falta nada.

¹⁶ mesma coisa que Árábico.

¹⁷ dialeto basco, no norte da Espanha, falado em Biscaia.

¹⁸ é uma língua românica falada na península Ibérica por mais de dez mil pessoas nos vales do rio Aragão, e nas comarcas de Sobrarbe e Ribagorza, na província de Huesca, em Aragão, na Espanha.

¹⁹ mistura, fusão, liga.

²⁰ vício, defeito moral, imperfeição.

²¹ orgulho, amor-próprio.

²² sexto rei de Portugal, conhecido como o Rei Trovador ou o Rei Lavrador.

²³ Instrumento musical em forma de meia pêra, usado na Europa nos séc. XVI e XVII.

²⁴ Dom Manuel I de Portugal foi o 14.º Rei de Portugal, cognominado *O Venturoso, O Bem-Aventurado* ou *O Afortunado*, tanto pelos eventos felizes que o levaram ao trono, como pelos que ocorreram no seu reinado.

²⁵ importante dramaturgo e poeta português do século XVI.

²⁶ Bernardim Ribeiro Lisboa 1500-1550 foi escritor e poeta português renascentista.

²⁷ Morreu em 1403 foi escritor medieval português, à quem é atribuída a prosa original do romance *Amadis de Gaula*.

²⁸ Sicília é uma região autônoma da Itália meridional cuja capital é Palermo.

²⁹ Sannazaro(1458 -1530) poeta e humanista italiano do renascimento.

³⁰Boscan (1492 -1542) poeta e tradutor espanhol.

³¹ Garcilasso nobre espanhol de Cantabria e um dos pilares da história gloriosa e trágica do proeminente Casa contemporânea de Garci Lasso de la Veja.

³² Luís Vaz de Camões Lisboa 1524- 1580 foi um poeta de Portugal, considerado uma das maiores figuras da literatura em língua portuguesa e um dos grandes poetas do Ocidente.

³³ Rodrigues Lobo 1580-1621 foi um poeta português; autor regionalista como poucos, apresenta o codinome de "cantor do Lis".

³⁴ rio da Península Ibérica.

³⁵ é o quinto maior rio português.

³⁶ Peça teatral ou obra cinematográfica ou televisiva em que predominam a sátira e a graça.

³⁷Rei de Portugal, da Casa de Avis, na segunda dinastia, foi o 14º monarca português, conhecido como O Venturoso, o Bem-Aventurado ou O Afortunado. Nasceu em Alcochete, uma vila perto de Lisboa em 1469 e morreu em Lisboa no ano de 1521 Com a morte da Rainha por parto, casou em segundas núpcias com a Infanta D. Maria de Castela, irmã de D. Isabel, com que teve dez filhos, além do primeiro filho com sua anterior esposa.

³⁸ HIST O filho mais velho de D. Manuel I com a sua segunda esposa, D. Maria de Castela, nasceu em Lisboa em 1503 e morreu nessa mesma cidade em 1557. Em 1521, após a morte do seu pai, D. João III tornou-se o décimo quinto rei de Portugal, ficando conhecido como D. João III, o Piedoso.

³⁹Ao assinar o "Scientiae thesaurus mirabilis", D. Dinis criava a Universidade mais antiga do país e uma das mais antigas do mundo. Datado de 1290, o documento dá origem ao Estudo Geral, que é reconhecido no mesmo ano pelo papa Nicolau IV. Um século depois do nascimento da nação, germinava a Universidade de Coimbra. Começa a funcionar em Lisboa e em 1308 é transferida para Coimbra, alternando entre as duas cidades até 1537, quando se instala definitivamente na cidade do Mondego.

⁴⁰Antônimo de cacofonia, a eufonia consiste na combinação harmônica, agradável, de sons: "Além a neve coroa uma serra com um radiante nimbo de santidade, e escorre, por entre os flancos despedaçados, em finas franjas que refulgem" (Eça de Queirós, *Contos*, 1946, p. 154).

⁴¹Inversão da ordem natural das palavras ou das orações.

⁴² Natural ou habitante da Toscana (Região da Itália). / Dialeto falado na Toscana.

⁴³Relativo a Castella. Dialeto de Castella. Aquele que é natural da Castela.

⁴⁴ Verbo amoldar: Ajustar ao molde, modelar, conformar, adequar.

⁴⁵ Arte de falar ao público.

⁴⁶ Verbo medrar: Crescer, desenvolver – se, prosperar.

⁴⁷ Entende-se por alusão toda referência, direta ou indireta, propositada ou casual, a uma obra direta, personagem, situação, que pertencente ao mundo literário, artístico, mitológico, etc.

⁴⁸ Francisco Sá de Miranda (1487 – 1558), nascido em Coimbra, filho de Gonçalo Mendes de Sá – irmão de Mem de Sá (governador do Brasil). Doutorou-se em Direito na Universidade de Lisboa. Entre 1521 e 1526 esteve na Itália. Introduziu em Portugal os metros italianos – a chamada medida nova. Afasta-se da corte desencantado com a sociedade e com seus contemporâneos, e isola-se no Minho, em sua quinta. Exerceu enorme influência nos poetas da geração de Luís de Camões. Teve três livros publicados no século XVI: *Obras do celebrado lusitano Francisco de Sá de Miranda*, em 1595; a *Comédia dos Vilhalpandos*, em 1560, e a *Comédia dos estrangeiros*, em 1561.

⁴⁹ Boileau (1636-1711) “escritor francês. Imitador de Horácio em poemas satíricos ou morais; contribuiu para fixar o ideal literário do Classicismo”.

⁵⁰ Medida. Diz-se do verso em geral, composto de pés segundo a métrica gregolatina, ou de sílabas, conforme a versificação moderna.

⁵¹ Dante Alighieri (1265 - 1321) é considerado um dos mais importantes poetas e escritores italianos. Filho de Alighiero e Bella, nasceu em Florença, no centro-norte da Itália. Naquela época, a cidade era uma rica comuna autônoma, de governo republicano, com 90 mil habitantes, uma das mais populosas cidades europeias de então.

⁵² Francesco Petrarca (1304-1374) foi um poeta italiano. Humanista, foi um dos precursores do renascimento italiano. Foi o inventor do soneto, poema com 14 versos. É também considerado o pai do humanismo italiano.

⁵³ “Designa os versos que repetem outros da estrofe inicial, ou as estrofes que desenvolvem a ideia de refrão ou estribilho que abre tais composições”.

⁵⁴ O mesmo que “voltas” e “pés”.

⁵⁵ “Verso de cinco ou de sete sílabas. Redondilha maior: verso de sete sílabas. Redondilha menor: verso de cinco sílabas”.

⁵⁶ “Verso com onze sílabas, também chamado de *verso de arte maior*”.

⁵⁷ Além do sentido vulgar de carta, o vocábulo “epístola” reveste outras conotações. Epístolas se denominavam os escritos endereçados pelos apóstolos bíblicos a um grupo social, como a *Epístola aos Coríntios*, de S. Paulo. Entre os romanos da Antiguidade, uma composição poética destinada a um amigo.

⁵⁸ Antonio Ferreira (1528 – 1569). Nascido em Lisboa, doutorou-se em Humanidades e em Leis no período áureo da Universidade de Coimbra. Advogado e poeta de prestígio, em 1567 foi nomeado desembargador da Casa do Cível, e

faleceu em Lisboa, na grande peste de 1569. Defensor da língua portuguesa e dos poemas de medida nova, teve sua obra poética, os *Poemas lusitanos*, publicada por seu filho, Miguel Leite Ferreira, em 1598. A sua famosa tragédia *Castro* já havia sido editada, sem o nome do autor, em 1587.

⁵⁹“Que fere mortalmente, que traz desgraça, desventura, tristeza. Prejudicial, desastroso”.

⁶⁰ “Autor de obras literárias, escritor”.

⁶¹ “Gênero dramático originário da Idade Média”.

⁶² “Causar obstáculo, impedir, estorvar; prejudicar”.

⁶³Écloga ou égloga, seleção. “Na origem, ou seja, na poesia de Virgílio (século I a.C.), o vocábulo “égloga” significava “poema escolhido”, e como vinha associado à poesia bucólica, com o tempo passou a designar toda composição de tema pastoril e campestre”.

⁶⁴ “Composição de 14 versos, dispostos geralmente em 2 quartetos e 2 tercetos”.

⁶⁵ “Quantia, montante, o valor total de uma conta”.

⁶⁶“Obra famosa do escrito Jorge Montemor (c. 1520/1525 – 1561), Montemor - o - Velho. Poeta e músico, na década de 1540 radica-se na Espanha”.

⁶⁷“Verbo pugnar: tomar a defesa de; lutar”.

⁶⁸ “Verbo adornar: enfeitar (-se)”.

⁶⁹ “Verbo avezar: habituar, acostumar. acostumar-se, habituar-se”.

⁷⁰ “Mal que mina lentamente”.

⁷¹ “Omissão de palavra(s) subentendida(s)”.

⁷² “O modo de ser, natural, de um indivíduo, temperamento”.

⁷³ “Composição poética de caráter lírico”.

⁷⁴ Relativo a Horácio (“poeta latino, considerado como modelo das virtudes poéticas de equilíbrio e medida.”)

⁷⁵ “Sobejar: sobrar, exceder os limites do necessário ou do preciso; ser demasiado”.

⁷⁶ “Arrebatamento íntimo, roubo. Admiração de coisas sobrenaturais”.

⁷⁷ “Relativo a Píndaro; semelhante á maneira poética de Píndaro. Ótimo: fez um discurso pindárico”.

⁷⁸ “Olhar, inflexão de voz, ou movimento corporal lânguidos”.

⁷⁹ “Verso criado por Anacreonte (século VI a. C.), composto de: *pirríquio* + *troqueu* + *troqueu* + *pirríquio*”.

⁸⁰ Horácio (65-27 a.C) “Poeta lírico, satírico e filósofo latino nascido em Venússia, posteriormente Venosa, Itália, cuja obra exerceu forte influência sobre os autores renascentistas e classicistas em geral, é considerada modelo de perfeição formal e de conteúdo ético”.

⁸¹ “Designa um tipo de estrofe ou de composição poética, provavelmente de origem italiana”.

⁸² “Questionar em juízo; fazer por conseguir; concorrer a, disputar”.

⁸³ “Qualidade ou característico do que é conciso (obra ou autor); brevidade, exatidão, precisão”.

⁸⁴ “Diz – se do gênero de poesia em que se cantam emoções sentimentos íntimos; sentimental; relativo à ópera”.

⁸⁵ “Castro – obra de 1587, *Elegante de Dona Inês de Castro*, mais conhecida por Castro do escritor Antonio Ferreira”.

⁸⁶ “Especialista em filologia (estudo da língua em toda a sua amplitude e dos escritos que a documentam)”.

⁸⁷ “Filho(a) do rei de Portugal ou da Espanha, porém não herdeiro da coroa”.

⁸⁸ “Verbo entibiar: Tornar(-se) túbio, enfraquecer(-se)”.

⁸⁹ “Versificação é um sinônimo de métrica e metrificação, o vocábulo designa o conjunto de regras e normas relativas à medida e organização do verso, da estrofe e do poema como um todo”.

⁹⁰ “Que é muito grande (falando-se de certas palavras ou versos)”.

⁹¹ “Ato ou efeito de impar (Fig. Mostrar-se soberbo ou desdenhoso.)”.

⁹² “Interjeição que exprime o desejo de que certa coisa suceda; *tomara!*, *queira Deus!*”.

⁹³ “Vingar (-se)”.

⁹⁴ “Instrução vasta e variada”.

⁹⁵ “Homero”(séc. VIII a.C - ?)Poeta épico Grego”.

⁹⁶ “Que perdeu o equilíbrio, o juízo; alucinado”.

⁹⁷ “Estilo literário barroco que valorizava o rebuscamento da forma, com muitas metáforas, palavras eruditas e alusões aos clássicos.”

⁹⁸ “Repreensão”.

⁹⁹“Escola poética de Elmana (Bocage)”.

¹⁰⁰Foi publicado em 1572 e Os Lusíadas é um poema épico da autoria de Luís de Camões, que faz uma síntese da História de Portugal, enquanto narra a descoberta do caminho marítimo para o Oriente por Vasco da Gama. Toda a epopeia gira em torno do relato do descobrimento do caminho marítimo para a Índia. O livro “Os Lusíadas” divide-se em dez Cantos, sendo cada um deles composto por oitavas, ou seja, estrofes de oitos versos com estrutura rimática abababcc, com versos decassilábicos heroicos”.

¹⁰¹Épico “referente à epopeia e aos heróis. Digno de epopeia”.

¹⁰² Jerônimo Corte - Real – “escritor português, Lisboa 1530 – Évora 1588. Autor de sucesso do Segundo Cêrco de Diu”.

¹⁰³O Cêrco de Diu – “obra de Jerônimo Corte – Real, 1574”.

¹⁰⁴“Verbo blasonar: ostentar, vangloriar-se”.

¹⁰⁵ Naufrágio de Sepulveda – “Do poeta quinhentista Jerónimo Corte-Real, é um poema épico intitulado Naufrágio e lastimoso sucesso de Manuel de Sousa Sepúlveda e Dona Leonor de Sá, sua mulher e filhos, postumamente impresso em 1594”.

¹⁰⁶Devaneio “derivação de devanear, delirar; capricho da imaginação, sonho, fantasia”.

¹⁰⁷Pero d’Andrade Caminha - (c. 1520 – 1589), “nasceu no Porto e faleceu em Vila Viçosa. Foi camareiro de D. Duarte, neto do rei D. Manuel. Passou para a história da literatura portuguesa como suposto inimigo de Luís de Camões e por seu depoimento no processo inquisitorial contra Damião de Góis. Sua obra poética circulou em manuscritos e só veio a ser publicada no século XVIII”.

¹⁰⁸Diogo Bernardes “poeta português. Um dos maiores representantes do Quinhentismo literário, suas obras inspira-se em temas bucólicos do renascimento”.

¹⁰⁹ Epigramas “Poesia breve e satírica; dito mordaz e picante. Mordaz: corrosivo, destrutivo”.

¹¹⁰ “D. Sebastião foi o último rei de Portugal da dinastia Avis, governou entre os anos de 1557 e 1578, teve por objetivo conquistar o território africano”.

¹¹¹ Manuel de Faria e Sousa(1540- 1594) “historiógrafo do período barroco, autor de Ásia Portuguesa, África Portuguesa e Europa Portuguesa”.

¹¹²Embrandece “torna-se brando, flexível”.

¹¹³ Luís Pereira Brandão (1530/1540- ?) “escritor e poeta português, Foi capturado em quanto acompanha Alcácer Quibir e D. Sebastião”.

¹¹⁴ Elegíada “Livro de Luís Pereira Brandão. Ele começou a escrever na prisão, é um poema de dezoito rimas que descreve a desgraça de Alcácer Quibir e a morte lamentável do rei D. Sebastião”.

¹¹⁵ Fenecer “acabar, extinguir, ter o seu fim”.

¹¹⁶ Oitavas “Estrofe de oito versos”.

¹¹⁷ Arrebuie “ornamento ridículo ou exagerado”

¹¹⁸ Viço “vigor juvenil”.

¹¹⁹ Maneirismo “tendência literária anterior ao Barroco, que guarda com ele certas afinidades, como a presença da melancolia, ceticismo, incerteza e questionamento dos ideias humanistas e antropocêntricos”.

¹²⁰ Castela “relativo a Espanha”.

¹²¹ Gafa “sarna leprosa de certos animais”.

¹²² Vasco Mousinho de Quevedo (1570 - 1619) “poeta português, do período barroco”.

¹²³ Épico “que descreve em versos os feitos heroicos”

¹²⁴ Bastardia “estado ou qualidade de bastardo”

¹²⁵ Affonso Africano “Escrita em 1611, obra poética do escritor Vasco Mousinho de Quevedo”.

¹²⁶ Quixótica “que é sonhadora e ingênuas”.

¹²⁷ Ulisseia “obra poética datada de 1626 de Gabriel Pereira de Castro”.

¹²⁸ Malaca “Málaga Conquistada poesia barroca de Francisco de Sá de Meneses”.

¹²⁹ Condestabre - condestável “em Portugal posto de maior graduação do exercito, no sec. XIV”.

¹³⁰ Pelico “roupa usada pelos pastores feita de pele de carneiro”.

¹³¹ Alfaia “objeto usado como adorno”.

¹³² Peregrino “que ou oque é estrangeiro, estranho; aquele que visita lugares sagrados”.

¹³³ Lisonja “elogio dirigido a alguém; bajulação exagerada”.

¹³⁴ Gutural “concernente a garganta; Diz-se som que se emite pela garganta, que tem entonação rouca”.

¹³⁵ Castelhana “relativo a Castela (Espanha)”

¹³⁶ Aravias “língua árabe”.

¹³⁷Tarellos “indivíduo que tagarela, que fala desapropriadamente sobre o que não entende”.

¹³⁸Francelhos “individuo que se exagera no apego ao francesismo e coisas francesas”.

¹³⁹Galiciparlas “aquele que fala afrancesadamente”.

¹⁴⁰Caterva “ Grupo de vadios”

¹⁴¹Gallo-manos “gallomano é o individuo que admira excessivamente a França ou as coisas da França”.

¹⁴²Gabriel Pereira do Castro (1517-1632) “poeta português, do período barroco”.

¹⁴³Jurisprudência “ ciência do direito e da leis; conjunto dos princípios de direito seguidos num país, numa dada época ou em determinada matéria”

¹⁴⁴Ilíada e Odisseia “ obras de Homero”

¹⁴⁵Fênix-renascida “antologia mais importante da poesia seiscentista em Portugal”.

¹⁴⁶Dédalo “cruzamento confuso de caminho; labirinto”.

¹⁴⁷Inextricável “ que não se pode desemaranhar; que está constituído de elementos entrelaçados”.

¹⁴⁸Ferreira “António Ferreira (1528-1569) poeta e dramaturgo português. Introduziu a ode em Portugal. Destacou-se pelos sonetos”.

¹⁴⁹Sá de Menezes “ Francisco de Sá de Menezes (1480-1558) escritor e poeta português. Introduziu na língua portuguesa novas formas literárias inspiradas no renascimento”.

¹⁵⁰Derradeiro “ que vem atrás; último recurso ”.

¹⁵¹Asmodeu “demônio dos prazeres impuros na bíblia e na literatura judaica”.

¹⁵²Lúcifer “ nome dado a Satã, ao diabo”.

¹⁵³Avexar “o mesmo que vexar”. Vexar “maltratar; molestar; humilhar”.

¹⁵⁴Deleite “Prazer íntimo; satisfação”

¹⁵⁵Estâncias “lugar onde se permanece um tempo, estação”.

¹⁵⁶Desemparar “desempar : tirar as estacas que sustentam (as videiras)”.

¹⁵⁷Alambicar “ fig. Tornar presumido, pretencioso, afetado”

¹⁵⁸Silvas “composição poética em que se alternam versos de seis e de dez sílabas”.

¹⁵⁹Acrósticos “ composição poética em que as letras iniciais de cada verso, lidas no sentido vertical, formam uma palavra ou uma frase.”

¹⁶⁰Engendrara “dar origem a, gerar; projetar na imaginação, inventar”

¹⁶¹Bagatela “coisa sem valor, ninharia, insignificância”

¹⁶²Manoel da Veiga “poeta português contemporâneo de Rodrigues Lobo. Situa-se entre o Renascimento e o Barroco, a sua obra reflete influências de Petrarca – patentes na escolha do nome ‘Laura’ ”.

¹⁶³Laura de Amphriso: Obra de Manoel da Veiga, Laura de Anfriso é constituída por uma epístola e quatro éclogas em louvor dos duques de Bragança e por 60 odes distribuídas por seis livros. As odes são uma emocionante história de amor impregnada de realismo.

¹⁶⁴Poliphemo “Polifemo ciclope que na Odisseia, aprisiona Odisseu (Ulisses) e seus companheiros”.

¹⁶⁵Galatea “Galatéia na mitologia grega, divindade marinha. Transformou em rio seu amante, o pastor Ácis, vítima do ciúme do ciclope Polifemo”

¹⁶⁶Hendecassílabos “ diz-se de ou verso de 11 sílabas”.

¹⁶⁷Vieira “Padre Antônio Vieira (1608-1697) escritor do período barroco, sua principal obra é o ‘Sermão da Sexagésima’ ”

¹⁶⁸Jacinto Freire de Andrade (1597-1657), “historiógrafo do período barroco, autor da Vida de D. João de Castro”.

¹⁶⁹Panegirista “ diz- se pessoa que faz um panegírico(discurso público em louvor de alguém; Elogio solene) ”

¹⁷⁰Argúcia “agudeza de espírito; sutileza de raciocínio, de argumentação; argumento ardisoso.”

¹⁷¹Conde de Ericeira “Conde da Ericeira foi um título nobiliárquico criado por Filipe IV, rei de Espanha, por carta de 1 de Março de 1622 a favor de D. Diogo de Menezes (1553-1625)”.

¹⁷²Triaga o mesmo que theriaga(remédio caseiro que se supunha eficaz contra mordidas de animais venenosos).

¹⁷³Vereda “rumo, caminho”

¹⁷⁴Bibliomânico “que tem bibliomania (paixão pelos livros, principalmente pelos que são raros)”

¹⁷⁵ D. João V “monarca português, vigésimo quarto rei de Portugal, seu reinado, que durou 1707 até sua morte em 1750, foi um dos mais longos da história portuguesa”.

¹⁷⁶Marques de Pombal (p.1662) “ primeiro-ministro português (1750-1777), anulou o poder político da nobreza, a quem perseguiu. Déspota esclarecido, incentivou a industrialização, reformou o ensino, reorganizou o exércitos”.

¹⁷⁷Descartes “ filósofo, matemático e físico francês”

¹⁷⁸Newton “cientista inglês ”

¹⁷⁹Setentrião “ o polo norte ou as regiões do norte, entre os antigos, o vento do norte”.

¹⁸⁰Ultramontanos “que ou quem se situa além das montanhas; relativo ao ultramontanismo (conjunto de doutrinas teológicas que apoiam a Santa Sé em sua tese de infalibilidade papal)”

¹⁸¹Exação “cobrança ou arrecadação rigorosa de impostos; exatidão, precisão na realização de algo ”

¹⁸²Luiz XIV “rei da França (1643-1715)seu governo foi marcado por inúmeras guerras. Fez de Paris a meca da cultura e artes plásticas na Europa ”

¹⁸³Tomás “teólogo italiano, que se dedica a restaurar, em harmonia com a fé, a autonomia da natureza e da razão”.

¹⁸⁴Carlos III “rei da França (884-887), da dinastia carolíngia. Restaurou teoricamente o império de Carlos Magno, mas, fraco perante os senhores feudais e os normandos, foi deposto.”

¹⁸⁵D. José I “(1714-1777) em seu reinado promoveu uma série de reformas econômicas e sociais”.

¹⁸⁶Coimbra “cidade de Portugal, às margens do rio Mondego.”

¹⁸⁷Garção Pedro António Correia Garção (1724-1772) “É considerado um dos mais importantes poetas neoclássicos da literatura portuguesa”.

¹⁸⁸Bosquejo “primeira anota de produção intelectual. Descrever de forma, geral, vaga; dar uma ideia de.”

¹⁸⁹Cantada de Dido “obra poética de Correia Garção”.

¹⁹⁰Horaciano relativo a Horácio(“poeta latino, considerado como modelo das virtudes poéticas de equilíbrio e medida.”)

¹⁹¹Antonio Diniz (1731-1799) Fundador da Arcádia Lusitana.

¹⁹²Amiúde “repetidas vezes, frequentemente”

¹⁹³Teios “o mesmo que cerne(a parte inferior e mais dura das árvores)”

¹⁹⁴<< Le Lutrin>> poème de Boileau . "LE LUTRIN" POEMA DE BOILEAU.

¹⁹⁵Tasso “ poeta italiano. Autor da pastoral Aminta e do poema épico Jerusalém libertada, que mesclam episódios heroicos e romanescos”

¹⁹⁶Voltaire “escritor francês (1694-1778), exilado na Grã-Bretanha, expressou suas ideias liberais, racionais e anticlericais. ”

¹⁹⁷ “Título de dignidade eclesiástica logo abaixo do bispo ou arcebispo e que preside ao cabido.”

¹⁹⁸“Frade da Ordem dos Franciscanos.”

¹⁹⁹“Referência a um trecho de *O Almada*, de Machado de Assis.”

²⁰⁰“Poema Heroicomico do livro *Parnaso Lusitano ou Poesias Seletas dos Autores Portugueses*”

²⁰¹ “Poeta português que se dedicou à tragédia e ao drama pastoril.”

²⁰²“Coisa muito complicada; confusão.”

²⁰³“Poeta romano, Virgílio escreveu Bucólicas ou Éclogas, uma série de dez poemas que traduzem sua paixão pela produção pastoril.”

²⁰⁴“Gesner, Conrad. 1516-1565, médico e naturalista suíço. Entre suas numerosas obras, destaca-se História dos animais(1551), considerada uma das bases da moderna zoologia.”

²⁰⁵“Fazer parte de algo ou permanecer em seu interior.”

²⁰⁶“Elísio, Filinto,1734-1819, poeta neoclássico português. líder do grupo Ribeira das Naus, adversário da Arcádia Lusitana, sua vernaculidade e Classicismo horaciano atraíram discípulos, ditos filintistas.”

²⁰⁷“Adotou o pseudônimo de Glauceste Satúrnio, sob o qual escreveu a maioria de suas poesias. Costuma-se dizer que Claudio Manoel da Costa é um poeta de transição entre o barroco e o arcadismo. Além disso, seus poemas têm influência dos versos camonianos.”

²⁰⁸“Metastasio, 1698-1782, poeta libretista e compositor italiano. Autor de oratórios e cantadas, celebrou-se compondo melogramas (Didon abandonada, 1724.”

²⁰⁹“Art.pl. Liter. Escritor ou artista do séc. XVII: Entre os seiscentistas mais virtuosos do Barroco, destaca-se Rubens.”

²¹⁰“Durão, frei santa Rita, 1720-1784, poeta neoclássico brasileiro , autor do poema épico caramuru(1781), primeira obra a tomar como tema o índio brasileiro e seus costumes.”

²¹¹“Obra escrita por Durão. Um poema épico de dez cantos, *Caramuru* (O filho do trovão) é um tributo à sua terra natal.”

²¹²“Personagem do poema Caramuru, de Santa Rita do Durão.”

²¹³ Tomás Antônio Gonzaga “Poeta brasileiro do século XVIII, 1744 – 1810, cujo nome arcádico é Dirceu, escreveu poesias líricas, típicas do arcadismo, com temas pastoris e de galanteio, dirigidas à sua amada, a pastora Marília.”

²¹⁴“*Marília de Dirceu* é o romance do escritor Tomás Antonio Gonzaga.”

²¹⁵“Sociedade literária dos séculos XVII e XVIII que cultivava o classicismo e cujos membros adotavam nomes poéticos simbólicos.”

²¹⁶“*Paulo e Virgínia*” é uma obra que condensa todas as características românticas extremas e todos os ingredientes que despertaram horror aos Realistas. Escrito em 1787, pelo francês Bernardin de Saint-Pierre, “*Paulo e Virgínia*” apresenta o ideal do “Bom Selvagem”.

²¹⁷“Escritor e botânico francês nascido em Le Havre, que usou o primitivismo cultural criando uma das ideias formadoras do movimento romântico francês. Dedicou-se ao culto da natureza, afirmando que todo mal decorria da riqueza e da ciência.”

²¹⁸ “Município brasileiro do estado de São Paulo.”

²¹⁹“O Uruguai é um poema épico escrito em versos decassílabos brancos. O texto trata da expedição de portugueses e espanhóis contra as missões jesuíticas do Rio Grande, para executar as cláusulas do Tratado de Madri em 1750.”

²²⁰“Basílio da Gama (1741-1795) foi um poeta brasileiro. Escreveu sua obra-prima “O Uruguai”, considerada a melhor realização do gênero épico do Arcadismo brasileiro”

²²¹“Banal, comum, trivial (cotidiano prosaico; hábitos prosaicos).”

²²²“Poeta, comediógrafo e advogado, considerado o dramaturgo português mais importante entre Gil Vicente e Almeida Garrett. Situa-se a sua obra na transição da comédia espanhola para o melodrama italiano.”

²²³“1732--1799, dramaturgo francês. Aventureiro e libertino, criticou a sociedade francesa com verve e ousadia em *O barbeiro de Sevilha*(1775) e *As bodas de Fígaro*(1784).”

²²⁴“Palavra ou expressão do francês adotada por outra língua, com ou sem adaptações.”

²²⁵“Duque de Lafões foi eleito membro da Royal Society londrina. Desempenhou altos cargos políticos e militares e foi cofundador da Academia das Ciências de Lisboa.”

²²⁶“Auspiciou; fadou; predisse; pressagiu; pressentiu; profetizou”

²²⁷ “Qualidade de quem tem grande admiração à França e aos franceses.”

²²⁸“Carente de forças físicas ou morais; abatido, abalado.”

²²⁹“O que é dito ou escrito de maneira confusa, ou em linguagem pouco compreensível.”

²³⁰(pesc.) cosedura, que une as testas das redes umas às outras, por meio de fio passado nas malhas.”

²³¹“Nome que os cristãos davam a Maomé.”

²³²“Falta de continência, de temperança; excesso”

²³³“Fernão Mendes Pinto foi um explorador português que escreveu, entre 1569 e 1578, aquela que viria a tornar-se numa famosa obra literária: Peregrina.”

²³⁴“Bispo de Viana e arcebispo de Braga. Foi o primeiro prelado a promulgar os decretos tridentinos, aquando da reunião de um sínodo diocesano de Braga, em 1564.”

²³⁵“Homem que tem ridículas pretensões a elegante; janota, peralta, casquilho, almofadinha.”

²³⁶“Poeta pré-romântico português nascido em Setúbal, considerado o maior poeta da língua no século XVIII e conhecido por seu estilo rebelde e satírico, símbolo da irreverência, da frontalidade, da luta contra o despotismo e de um humanismo integral e paradigmático.”

²³⁷“Poeta nascido em Cinoscéfalos, Grécia, no ano de 520 a.C. Escreveu, no idioma grego, hinos, elegias, louvores, ditirambos, odes a Atena, entre outros estilos.”

²³⁸“Pouco paciente (no sofrimento). Inquieto, indomável.”

²³⁹ “Globo; mundo; redondeza; esfera. Corpo celeste. Superfície circunscrita pela órbita de um corpo celeste.”

²⁴⁰“Monstros da mitologia grega. Eram assustadoras, possuíam dentes de javali, garras de bronze e cabelos de serpente, a górgona mais famosa de toda mitologia foi Medusa.”

²⁴¹“Tour de Force significa um grande esforço, uma proeza; façanha, e é um termo de origem francesa, onde tour significa volta e force, força.”

²⁴²“Mistura usada em pintura, constituída de gema e clara de ovo, água e pigmentos em pó.”

²⁴³“Tipo de poema campestre que se desenvolveu entre os antigos gregos.”

²⁴⁴ “É uma epopéia em doze cantos, escrita em versos por Virgílio em seu retiro na Campânia durante os últimos 12 anos de sua vida (30-19 a.C.).”

²⁴⁵“Poeta italiano que escrevia a agonia do universo de beleza criado pelo sensualismo dionisíaco do Renascimento, já então corroído pela reação contra-reformista.”

²⁴⁶“O autor britânico John Milton, adepto do classicismo inglês, Foi responsável pela criação de um dos clássicos da literatura, o poema épico O Paraíso Perdido, ele também incursionou por questões políticas, elaborou obras dramatúrgicas e se dedicou a pesquisas sobre temas religiosos.”

²⁴⁷“É um poema épico escrito pelo poeta italiano do final do Renascimento, Torquato Tasso (1544–1595).”

²⁴⁸“Foi teólogo erudito, poeta e historiador germânico foi considerado um dos precursores do romantismo alemão e, então, o maior expoente do sentimentalismo do século XVIII.”

²⁴⁹“O livro de John Milton publicado em 1667 em dez cantos.”

²⁵⁰ Escola poética de Elmano (pseudônimo de Bocage, famoso poeta português, 1765-1805).

²⁵¹ Expressão que provoca o riso; graça, pilhéria, facécia.

²⁵² Retórica Inversão da ordem das palavras ou orações.

²⁵³ Pessoa que procura igualar, superar outra; competidor, rival.

²⁵⁴ Licença, permissão, absolvição de culpa, perdão, saudação; saudação respeitosa.

REFERÊNCIAS

- ACERVO DIGITAL. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/caramuru.pdf> Acesso em: 28 out 2013
- BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL. Disponível em: <<http://www.wdl.org/pt/item/10663/>> Acesso em: 28 out 2013
- BLOG DEVANEIOS LITERÁRIOS; **Paulo e Virgínia.** Disponível em: <<http://licrisdevaneiosliterarios.blogspot.com.br/2010/01/paulo-e-virginia-bernardin-de-saint.html> > Acesso em: 28 out 2013
- BLOG DA LITERATURA; **Basílio da Gama e o Uruguai.** Disponível em: <<http://daliteratura.wordpress.com/2012/07/22/basilio-da-gama-e-o-uruguai/> > Acesso em: 28 out 2013
- BLOG SÓ LITERATURA; **Biografias.** Disponível em: <<http://www.soliteratura.com.br/biografias/>> Acesso em: 28 out 2013
- BRASIL ESCOLA. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/biografia/petrarca.htm>>. Acesso em: 17 out. 2013.
- BRASIL ESCOLA; **Literatura.** Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/literatura/>> Acesso em: 28 out 2013
- COLÉGIO DANTE. Disponível em: <<http://www.colegiodante.com.br/conheca-o-colegio/100-anos-de-historia/o-poeta-dante-alighieri/>>. Acesso em: 16 out. 2013.
- COMUNIDADE MULTI AJUDA. Disponível em: <<http://www.multiajuda.com.br/livro.php?id=20967&n=O+almada>> Acesso em: 29 out 2013
- CONSELHO DE REITORES DAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS. Disponível em: <<http://www.crup.pt/crup/membros/universidade-de-coimbra>>. Acesso em: 16 out. 2013.
- DEC, Universidade Federal de Campina Grande, Biografias. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/FrieGoKl.html>> Acesso em: : 28 out 2013
- DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO LAROUSSE.-São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.
- Dossiê Especial – Volume I – Número 1 – Pato Branco - 2014

DICIONÁRIO HISTÓRICO. Disponível em: < www.arqnet.pt > Acesso em 30 out. 2013.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Dicio**. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/> > Acesso em: 28 out 2013

_____ **Dicio** Vênia. Disponível em: <[HTTP://http://www.dicio.com.br/elmanismo/](http://www.dicio.com.br/elmanismo/)> Acesso em: 12 Nov 2013

_____ **Dicio** Chiste. Disponível em : <[HTTP://http://www.dicio.com.br/chiste/](http://www.dicio.com.br/chiste/)> Acesso em 12 Nov 2013

_____ **Dicio** Hiperbáto. Disponível em:<[HTTP:// http://www.dicio.com.br/hiperbato/](http://www.dicio.com.br/hiperbato/)> Acesso em 12 Nov 2013

_____ **Dicio** Êmulo. Disponível em: <[HTTP:// http://www.dicio.com.br/emulo/](http://www.dicio.com.br/emulo/)> Acesso em 12 Nov 2013

_____ **Dicio** Vênia. Disponível em: < [HTTP:// http://www.dicionarioinformal.com.br/v%C3%AAnia/](http://www.dicionarioinformal.com.br/v%C3%AAnia/)> Acesso em 12 Nov 2012

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário de língua portuguesa. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Abril, 2010.

GARRET, Almeida. Parnaso Lusitano, ou Poesias selectas de autores portugueses. 1826, p. 209

HISTÓRIA DE PORTUGAL. Disponível em: <<http://www.historiadeportugal.info/os-lusiadas/>>. Acesso em: 08 out. 2013.

HUE, Sheila Moura. **Antologia da poesia portuguesa, séc XVI**: Camões entre seus contemporâneos/ organização Sheila Moura Hue. 2 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

INFOESCOLA, **Biografias**. Disponível em:< <http://www.infoescola.com/biografias/>> Acesso em: 28 out 2013

INFOPÉDIA. Disponível em: < www.infopedia.pt > Acesso em 14 nov. 2013.

JAGOZ. Disponível em: < <http://www.jagoz.com/historia/os-condes-da-ericeira.html> > Acesso em 25 nov. 2013.

MASSAUD, Moisés **A literatura portuguesa**: Roteiro das Grandes Literaturas, Brasil: Cultrix, 1968.

MASSAUD, Moisés. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

_____ **Dicionário de termos literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

UOL Educação Biografias. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/> > Acesso em: 28 out 2013

PORTAL DA LITERATURA. Disponível em: <www.portaldaliteratura.com>. Acesso em 14 nov. 2013.

SIGNIFICADOS ONLINE. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/tour-de-force/>> Acesso em: 28 out 2013